



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**ELEMENTOS PARA UMA SOCIOLINGUÍSTICA DO GUARANI: O ÑANDEVA
FALADO NA RESERVA INDÍGENA DE PORTO LINDO-JAPORÃ-MS**

Por

EDSON AMAURÍLIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Mestrado Profissional em Linguística e Línguas
Indígenas da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como quesito para obtenção do Título de
Mestre em Linguística e Línguas Indígenas

RIO DE JANEIRO

Novembro

2019

Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

ELEMENTOS PARA UMA SOCIOLINGUISTICA DO GUARANI: O ÑANDEVA FALADO NA RESERVA INDÍGENA DE PORTO LINDO-JAPORÃ-MS

Por

EDSON AMAURILIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para obtenção do Título como Mestre em Linguísticas e Línguas Indígenas.

Orientadora Prof(a). Dra. Marci Fileti Martins

Linha de Pesquisa: Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas

RIO DE JANEIRO

Novembro

2019

A489e Amaurílio, Edson
 Elementos para uma sociolinguística do Guarani: o Ñandeva
 falado na reserva indígena de Porto Lindo-Japorã-MS / Edson
 Amaurílio. -- Rio de Janeiro, 2019.
 96f. : il. (color.)

 Orientadora: Profa. Dra. Marci Fileti Martins
 Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio de
 Janeiro: Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e
 Línguas Indígenas - PROFLLIND, 2019.

 1.Sociolinguística. 2. Guarani. 3. Ñandeva. 4. Contato. I. Martins,
 Marci Fileti. II.Título.

CDD 498

Mestrado profissional em Linguística em Línguas Indígenas

Museu Nacional-Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**ELEMENTOS PARA UMA SOCIOLINGUISTICA DO GUARANI: O ÑANDEVA
FALADO NA RESERVA INDÍGENA DE PORTO LINDO-JAPORÃ-MS**

Por

Edson Amaurílio

Orientadora: Profa. Dra. MarciFileti Martins

Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguísticas e Línguas Indígenas.

Examinada por:

Presidente - Profa. Dra: Marci Fileti Martins (PROFLLIND- MN- UFRJ)

Profa. Dra: Ana Suelly Arruda Cabral (PPGL/UnB)

Profa. Dra.: Marcia Damaso Vieira (PROFLLIND- MN- UFRJ)

Profa. Dra.: Beatriz Protti Christino (PROFLLIND- MN- UFRJ) (suplente)

Profa. Dra.: Rosangela Morello (IPOL) (suplente)

AMAURÍLIO, Edson. **Elementos para uma Sociolinguística do Guarani. O Ñandeva Falado na Reserva Indígena de Porto Lindo-Japorã-MS**. 2019. 96 pp. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas) -Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ÑEMOMBYKY

Ñembo'e opachagua ava ñe'e kuera Brasil pegua rehegua, ndahetai gueteri oĩ ñembo'e ohechauka porãva. Ñembo'e opaichagua Guarani kuéra ñe'e rehegua oima kuation oĩ gui ambue tetã guasu pe, upeva gui iporã ñembo'e oñembo tuvichave ojehechauka porãve haguã. Upecha gui ko kautia ha ñembo'epy oiva hese ome'eve haguã mba'e kuaave Guarani Ñandeva ñe'e rehegua oikova Tekoha Porto Lindo pe. Tekoha Porto lindo há'e opyta tetã Japorã pe, ysyry Iguatemi jereré ho'a va Ysyry Paraná pe. Tekoha Porto Lindo pe ojeporu ñe'e Ñandeva ha'e ambue kuéra ñe'e, ñe' e Kaiowá, Português, Avañe'e (Guarani Paraguai/Jopara) ha espanhol. Ha'e petei mba'e iporãva ojekuaave haguã ñe'e ojeporua tekoha pe. Upeva gui ko mba'e kuaa ombojoja ñe'e ojeporua ko Reserva Porto Lindo pe, umi mbohapy ambue ñe'e kuaa reve, Kaiowá, Avañe'e (Guarani Paraguaio) ha'e Ñandeva São Paulo, Paraná pegua. Ko mba'e apo ohechauka ndaha'ei ha ojohegua Ñandeva ñe'e Mato Grosso do sul pegua há Ñandeva São Paulo, Paraná pegua (IVO 2018, COSTA 2003/2007, DOOLEY 1996).

Ñe'e-mbotyha: tekoveaty ñe'e ypykuaa. Guarani. Ñandeva. Jererovaha.

AMAURÍLIO, Edson. **Elementos para uma Sociolinguística do Guarani. O Ñandeva falado na Reserva Indígena de Porto Lindo-Japorã-MS**. 2019. 96 pp. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RESUMO

Os estudos sobre as línguas indígenas brasileiras a partir de uma perspectiva sociolinguística ainda são bastante incipientes. No que diz respeito às pesquisas sobre as variedades do Guarani, um estudo sociolinguístico merece ser desenvolvido, tanto por essas variedades contarem já com satisfatória documentação, quanto pelo caráter transnacional e pluricêntrico da língua Guarani. Assim, este trabalho pretende contribuir para este tipo de investigação, em que se elege como variedade de estudo o Guarani Ñandeva, falado na Reserva Indígena Tekoha Porto Lindo, localizada no município de Japorã, na região Sul do Estado do Mato Grosso do Sul. O ambiente plurilíngue de Porto Lindo em que, além do Ñandeva, circularam e, ainda, circulam diferentes línguas: Kaiowa, Português, Avañe'e (Guarani Paraguaio/Jopará) e Espanhol, é elemento fundamental para se compreender o Ñandeva falado nesse contexto. De tal modo, este trabalho analisou comparativamente alguns aspectos da gramática do Ñandeva falado na Reserva Porto Lindo, com os de outras três variedades do Guarani, quais sejam: Kaiowa, Avañe'e e Nhandewa, falada nos estados de São Paulo e Paraná. Os resultados corroboram algumas pesquisas que apontam por um lado para um distanciamento entre o Nhandewa do Mato Grosso do Sul e o do Sudeste, e por outro para a proximidade entre o Nhandewa do Mato Grosso do Sul e o Avañe'e e o Kaiowa (IVO 2018, COSTA 2003/2007, DOOLEY [1991] 2008). O Ñandeva de Porto Lindo, no entanto, ao mesmo tempo que se aproxima do Avañe'e e do Kaiowa, apresenta algumas características do Nhandewa falado em São Paulo e Paraná.

Palavras-chave: Sociolinguística. Guarani. Ñandeva. Contato.

AMAURÍLIO, Edson. **Elements for a Guaraní Sociolinguistics. The Ñandeva spoken in the in the Porto Lindo-Japorã-MS Indigenous Reserve.** 2019. 95 pp. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Studies of the Brazilian indigenous languages from a sociolinguistic perspective are still quite incipient. With regard to research on the Guaraní's varieties, a sociolinguistic study deserves to be developed, both because these varieties already have satisfactory documentation and because of the transnational and pluricentric character of the Guaraní language. Thus, this work aims to contribute to this type of investigation, in which the Guaraní Ñandeva language, spoken in the Tekoha Porto Lindo Indigenous Reserve, located in the municipality of Japorã, in the southern region of the State of Mato Grosso do Sul, is chosen as variety of study. Porto Lindo's multilingual environment in which, in addition to Ñandeva, different languages was circulated and still circulate: Kaiowa, Portuguese, Avañe'e (Guaraní Paraguay / Jopará) and Spanish, is a fundamental element to understand the Ñandeva spoken in this context. In such a way, this work comparatively analyzed some aspects of Ñandeva grammar spoken in Reserva Porto Lindo, with those of three other varieties of Guaraní, namely: Kaiowa, Avañe'e and Nhandewa spoken in the states of São Paulo and Paraná. The results corroborate some researches that point, on the one hand, to a distance between the Nhandewa of Mato Grosso do Sul and the Southeast, and on the other to the proximity between the Nhandewa of Mato Grosso do Sul and Avañe'e and Kaiowa (IVO 2018, COSTA 2003/2007, DOOLEY [1991] 2008). The Ñandeva of Porto Lindo, however, at the same time that it approaches Avañe'e and Kaiowa, presents some characteristics of the Nhandewa spoken in São Paulo and Paraná.

Key words: Sociolinguistics. Guaraní. Ñandeva. Contact.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer Cheru Tupã (Deus), por ter me dado à força para seguir nessa caminhada por entre tantas dificuldades. Agradeço também aos meus familiares, meus amigos que me deram força sempre. Aos professores Hermínio Fernandes, Magno Adiala, Alfredo Martins, Almerio Dias, e os alunos da Tekoha Guarani-Polo, que também contribuíram para este trabalho.

Agradeço, especialmente, a minha mãe Dona Alexandra Benites, meu pai Santo Amaurilio, minha esposa Talita Vilharva Cáceres Veron, à avó de minha esposa, Dona Agostinha Vilharva, à minha sogra Valdecice Veron e meu ao sogro Natanael Vilharva, por me ajudarem durante essa caminhada. Todos e todas foram essencial na minha vida, me acompanhando e ajudando para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço de coração a essas pessoas. Também agradeço ao Seu Faustino Moreira, e Rosalino Ortiz por me passar os seus conhecimentos, agradeço ao presidente da Câmara de Vereadores, o senhor Paulo Franjote, e a minha irmã a vereadora Adelina Amaurílio por me ajudarem em momentos difíceis. Agradeço também a minha irmã Sandra Benites, por me acolher na casa dela durante esse trabalho de pesquisa.

Quero também agradecer muito a minha orientadora Marci Fileti Martins, que foi uma pessoa muito importante na minha vida nessa caminhada. Ao mesmo tempo que foi minha orientadora foi também a minha conselheira e incentivadora. Serei grato por resto da minha vida. Agradeço a meu amigo Guarani Mbya, José Benites, que sempre me ajudou desde época da graduação sempre me incentivando mesmo no meio da dificuldade. Agradeço aos colegas do PROFLLIN, os parentes Ticuna: João, Tiago, Mendison, Damião e Josinei por dar um pouco do seu tempo para me ajudar com minha pesquisa.

Por fim quero agradeço a Coordenadora do PROFLLIND, a professora Marília Lopes da Costa Facó Soares, e a todo o corpo docente do Programa: Jaqueline dos Santos Peixoto, Evandro de Sousa Bomfim, Beatriz Protti Christino, Tânia Conceição Clemente de Sousa, Ana Paula Quadros Gomes e Consuelo Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagoria.

. Sem essas pessoas que citei eu não teria chegado até o final do meu trabalho de mestrado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 os caminhos da pesquisa	13
1.2 A posição do Guarani Ñandeva no conjunto da família Tupi-Guarani	15
1.3 Objetivo Geral	24
1.3.1 Objetivos Específicos	24
2. TEKHA PORTO LINDO: CONTEXTO SÓCIO-LINGUÍSTICO-CULTURAL	24
2.1 Linguística Tipológico-Funcional e Sociolinguística	31
2.2 Corpus.....	35
3. ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO ÑANDEVA-PL: UM ESTUDO COMPARATIVO	37
3.1 Fonologia.....	37
3.1.1 Nossa proposta: sistema fonológico do Ñandeva-PL.....	41
3.1.2 Nasais plenas <i>versus</i> consoantes pré-nasalizadas.....	41
3.1.3 Africada palato-alveolar [dʒ] <i>versus</i> os sons nasais	42
3.1.3.1 Fricativa labiodental [v] <i>versus</i> aproximantes [w] e [ʋ]	43
3.1.3.2 Fricativa glotal surda /h/	44
3.1.3.3 Fricativas <i>versus</i> africadas	47
3.1.3.4 As fricativa velares [x] e [χ]	49
3.1.3.5 Processos fonológicos	53
3.1.3.6 Duplicação do núcleo silábica	53
3.1.3.7 Supressão de segmentos	54
3.1.3.7.1 Nominalizador/relativizador	54
3.1.3.7.2 Outros casos de redução: ramo	57
3.2 Léxico	57
3.3 Morfossintaxe	66

3.3.1 Categoria de número	66
3.3.2 Posposições	70
3.3.3 Negação	73
3.3.4 Interrogação	78
4 CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

LISTA DE ABREVIATURAS

PL	Porto Lindo
RI	Reserva Indígena
SPI	Serviço de proteção aos índios
TI	Terra Indígena
Dsei	Distrito Sanitários Especiais Indígenas
Plu	Plural
Nom	Nominalizador
PassN	Passado Nominal
FN	Futuro nominal
Pass	Passado
3Ps	3ª pessoa do singular
1Plu	1ª pessoa do plural
Excl.	Exclusiva
Loc	Locativa
Posp	Posposição
2Pl	2ª pessoa do plural
Col	Coletivo
Instr	Instrumental
Rel	Relacional
1ps	1ª pessoa do singular
Caus	Causativa
Int	Interrogação
Plnt	Partícula interrogativa
Det	Determinate

QUADROS

01. Tronco Tupi
02. Família Tupi-Guarani
03. Fonemas/Fones Consonantais NHANDEVA- SP/PR (COSTA, 2003/2007)
04. Fonemas/Fones Consonantais KAIOWA (CARDOSO, 2008)
05. Fonema/Fones do AVAÑE'Ë (GREGORES & SUAREZ 1967)
06. Fones Consonantais KAIOWA e NHADEVA-MS (IVO, 2018, p. 169)
07. Aproximantes: bilabial [w] e labiodental [ʋ] – ÑANDEVA-PL
08. Fricativa glotal surda [h]
09. Ausência da fricativa glota surda [h] – Ñandeva-PL
10. /ɲ/ [dʒ] ~ [ɲ] ~ [j]
11. Fricativas [s] e [ʃ] *versus* africadas [ts] e [tʃ]
12. Fricativa velar surda [x] – ÑANDEVA-PL
13. Fricativa velar sonora [ɣ] ÑANDEVA-PL – AVAÑE'Ë
14. Aproximante velar [ɰ] – Ivo (2018, p. 215)
15. Fonemas/Fones Consonantais ÑANDEVA-PL
16. Fonemas/Fones Vocálicos - ÑANDEVA-PL
17. Duplicação de núcleo silábico
18. Redução –Nominalizador/Relativizador Va('e) Ñandeva-PL – Avañe'e
19. NHANDEVA-SP/PR/NIMUENDAJU *versus* KAIOWA
20. Relativizador/nominalizador nas quatro variedades
21. Relativizador/nominalizador e morfemas de tempo nominal
22. Outros casos de redução: ramo
23. Léxico conservador *versus* inovador
24. Empréstimos Espanhol
25. Empréstimos de Português
25. Empréstimos “necessários”
26. Léxico comparativo
27. Ñandeva-PL *versus* Nhandeva
28. NHANDEVA (Dooley, 1996, p. 24)
29. Comparativo – Posposições – Quatro variedades
30. Palavras Interrogativa

1 INTRODUÇÃO

Os estudos das línguas indígenas brasileira a partir de uma perspectiva sociolinguística, ainda é bastante incipiente. De acordo com Martins (2016) as circunstâncias envolvendo o trabalho com línguas indígenas, em que há uma diligência para a descrição de um maior número de línguas possível, já que muitas delas podem desaparecer, traz como consequência, em alguns casos, um parco investimento em uma língua já descrita. A inexistência de trabalhos variacionistas sobre as línguas indígenas brasileiras são exemplo disso.

A língua Guarani, como membro da família Tupi-Guarani (TG), conta já com satisfatória documentação, se levarmos em consideração que as línguas TG, por serem as línguas dos povos que primeiramente experimentaram o contato com o europeu, foram as primeiras a serem estudadas e algumas delas contam, hoje, com uma boa documentação se comparadas com outras que apresentam somente uma descrição básica da fonologia (RODRIGUES 1986). Além disso, segundo Morello (2017), a língua Guarani, por sua ampla distribuição territorial (é o idioma indígena falado no maior número de países sul-americanos) pode ser considerada um idioma “transnacional”. Por outro lado, ao ter estatuto de língua oficial em pelo menos dois países, ter as suas variedade características linguísticas suficientes que as distinguem uma das outras, ser símbolo de expressão da identidade e da singularidade sociocultural de cada povo, dentre outras características, Morello (2017), propõe ainda o estatuto de língua “pluricêntrica”. Essas características, que evidenciam a vitalidade e a posição política da língua Guarani, que é falada, atualmente, por aproximadamente 10 milhões de pessoas, também são justificativas para o desenvolvimento dos estudos de suas variedades.

Assim, este trabalho pretende contribuir para o estudo das variedades do Guarani, notadamente, do Guarani Ñandeva falado na Reserva Indígena Tekoha Porto Lindo, localizada no município de Japorã, região Sul do Estado do Mato Grosso do Sul. O Guarani Ñandeva pertence ao Ramo I, da família TG, do tronco Tupi (RODRIGUES, 1987/2000). Juntamente com Kaiowa, Mbya e o Awa, compõe o conjunto das variedades modernas do Guarani faladas no Brasil. Dos poucos estudos sobre essa variedade, podemos citar o mais antigo que é o de Nimuendajú (1987 - publicado originalmente em 1914) e os mais recentes que são os de Costa

(2003/2007) sobre a fonologia do Ñandeva falado no estado de São Paulo. Desses trabalhos, destacamos, ainda, o Dietrich (2013) e o de Dooley (1991). Este último é tomado como base para a investigação que aqui se configura.

Em seu “Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guaraní Contemporâneo”, Dooley lança luz sobre a descrição e análise do Ñandewa por meio de uma perspectiva comparativa mostrando que uma das razões para a dificuldade em distinguir as variedades do Guaraní “é uma lacuna no conhecimento atualizado do Ñandéva [...]” (DOOLEY 1991, p. 02), dialeto que, segundo o autor, é de uma forma ou outra, intimamente ligado aos outros. Três outros fatores também citados por Dooley, apontam outras razões para a dificuldade de se identificar o dialeto Ñandeva falado na atualidade: “diversificação linguística entre o dialeto Ñandéva, mescla entre Ñandéva e outros dialetos Guaranís, e diferenças regionais que cruzam divisões dialetais.” (DOOLEY 1991, p. 06). Além disso, afirma que os “Ñandéva de Mato Grosso do Sul tendem a falar uma mistura de Kaiwá, Avañeém e seu próprio dialeto”. (DOOLEY, 1991, p. 3).

O contexto sociolinguístico de Porto Lindo em que, além do Ñandeva, circularam e ainda circulam, talvez com menos intensidade nos dias atuais, diferentes línguas: Kaiowa, português, Avañe'e (Guaraní Paraguai/Jopará) e espanhol, configura-se como um ambiente singular e complexo que necessita ser investigado para que se possa compreender em que medida o Ñandeva de Porto Lindo (Ñandeva-PL) se diferencia ou se assemelha às outras variedades do Guaraní.

O destaque para o estudo sociolinguístico nesta pesquisa, muito mais do que analisar o Ñandeva-PL por meio da aplicação dos métodos da sociolinguística variacionista, pretende evidenciar a heterogeneidade constitutiva da língua Guaraní, focalizando o contato linguístico entre falantes das variedades contemporâneas do Guaraní, assim como destas com o português e o espanhol. Esse estudo assim, busca apresentar elementos para descrição da gramática Ñandeva-PL, assim como para a sua caracterização no que diz respeito a sua relação com as outras variedades do Guaraní. A abordagem tipológico-funcional será também mobilizada na medida em que a partir da comparação das características estruturais e funcionais das línguas/variedades analisadas, objetiva-se, construir explicações das generalizações observadas.

Desatacamos ainda, que esta dissertação, além de contribuir com o desenvolvimento dos estudos das línguas indígenas brasileiras, pelo qual se ratifica objetivo da Linguística com a sistematização dos dados para a constituição de uma teoria gramatical, também é o resultado de um projeto de política linguística ao se inserir no âmbito do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND). O PROFLLIND é um projeto de educação profissionalizante no nível de pós-graduação, pioneiro no Brasil, que, além de incluir as línguas indígenas, também se constitui como uma ação afirmativa ao oferecer 70% do seu total de vagas (14 do total de 20) a candidatos autodeclarados indígenas.

Essa dissertação, assim, por um lado contribui para a promoção do Nãndeva no conjunto das línguas brasileiras por meio da sua documentação e descrição e, por outro, constitui-se como um elemento de legitimação para o indígena Nãndeva se instituir como autor, assumindo claro protagonismo nos ambientes acadêmicos.

1.1 Nos caminhos da Pesquisa

A motivação para desenvolver essa pesquisa, em um primeiro momento, surgiu da observação de que certas mudanças no Nãndeva-PL estariam se intensificando. Dentre elas, cita-se a obsolência de certos itens lexicais, concomitantemente, à utilização de outros itens do próprio Nãndeva-PL ou à incorporação de empréstimos do espanhol e do português. O uso de um item lexical ou de outro, na maioria dos casos, é determinado por faixa etária, ou seja, os falantes mais novos dominam o léxico inovador e os empréstimos, enquanto os mais velhos mantêm a fala mais tradicional.

A constatação de que a fala dos mais novos estaria se distanciando da dos mais velhos, ao mesmo tempo em que reflete o dinamismo característico da língua, indica também, especialmente, no que se refere aos empréstimos, uma entrada mais ostensiva da língua majoritária. Além disso, dos itens lexicais que estão se tornando obsoletas destacam-se algumas palavras tradicionais, que carregam significados relacionados à espiritualidade Nãndeva. Essas palavras estão sendo substituídas por outras que não carregam tais sentidos.

De tal modo, a nossa proposta inicial de trabalho era fazer uma sistematização dessas mudanças com uma dupla finalidade: i) descrever e analisar a língua por meio da investigação dessas transformações (lexicais, morfossintáticas, fonológicas) e ii) promover uma reflexão sobre o valor e o papel da língua Ñandeva na comunidade de Porto Lindo, destacando, nos impactos dessas transformações, os elementos que poderiam fragilizar a língua e a cultura da comunidade.

Contudo, no desenvolvimento da pesquisa, quando da análise dos trabalhos de Costa (2003/2007) sobre a variedade do Ñandeva de São Paulo e do Paraná e de Dooley (1996) sobre o que ele denomina “Ñandéva contemporâneo”, nos deparamos com o fato do Ñandeva-PL apresentar características que o diferenciavam tanto da variedade do São Paulo e do Paraná, quanto dos dados apresentados por Dooley (1991) que, por sua vez, representam dois tipos registros: um arcaico (NIMUENDAJU, 1914), e outro, possivelmente coletado pelo autor, que se refere a um registro mais atualizado de uma variedade do Ñandeva falada na década de 90.

Dessas características diferenciadas o que imediatamente chamou a nossa atenção foram alguns elementos da fonologia. Enquanto no Ñandeva registrado por Nimuendaju (1994) e por Costa não consta a fricativa glotal surda *h*, no Ñandeva-PL a glotal *h* é fonema bastante produtivo. Outro exemplo é a inexistência no Ñandeva-PL da consoante fricativa alveolar surda *ts* registrada como uma tendência no Ñandeva “em certos ambientes onde Mybá [Mbya] usa [tʃ] e Avaneém e Kaiwá usam [s] ou [ʃ]” (DOOLEY 1991, p. 10).

Importante salientar que os trabalhos de Dooley (1991) e Costa (2003/2007), destacam o fato de a variedade do Ñandeva falada no Mato Grosso do Sul - ou pela convivência prolongada com grupos Kaiowá (COSTA 2003, p. 7), ou porque “incorporam elementos estranhos à sua língua através do paraguaio” (NIMUENDAJU 1914/1987, p. 24s *apud* DOOLEY, 1991, p. 3) - apresentam características próprias que “não se sabe [...] até que ponto se trata de mudança de língua, e até que ponto se trata de bilinguismo”. (DOOLEY, 1991, p. 3).

De tal modo, levando em conta essas afirmações e considerando que nos estudos sobre as variedades do Guarani, uma das características que distinguem o Ñandeva de outros dialetos é justamente a ausência da fricativa glotal surda *h*

que, por sua vez, é fonema e bastante produtivo no Ñandeva-PL, optamos por reestruturar a pesquisa para que pudéssemos lidar essas questões.

Como Ñandeva, no início do curso do Mestrado, a minha percepção sobre a minha própria língua era totalmente diferente. Mesmo reconhecendo as semelhanças as entre o Kaiowá e o Ñandeva-PL, achava que a variedade de Porto Lindo era diferente da do Kaiowá. Por outro lado, percebia maior semelhança entre a variedade Ñandeva-PL o Avañe´e.

Questionei até mesmo, algumas descrições do Ñandeva, como por exemplo, a de Dooley (1991), pois os dados apresentados pelo autor como registros do Nhandewa falado em São Paulo e Paraná (Nhandewa-SP/PR) não combinavam com os registros da variedade de Porto Lindo. Do meu ponto de vista até então, o Ñandeva falado no Brasil se constituía como uma variedade homogênea e, se os dados apresentados por Dooley eram diferentes do meu registro, não poderiam ser relativos ao Ñandeva.

Ao aprofundar a pesquisa sobre o tema, auxiliado pela metodologia linguística, pude perceber que o contexto sociolinguístico da língua Guarani é complexo, e que além das variedades Kaiowa, Avañe´e, Mbya e Ñandeva, é necessário levar em consideração possíveis sub-variedades de cada uma dessas variedades. Assim, o que nos interessa investigar é se essas diferenças entre o Ñandeva-PL e o Nhandewa-SP/PR relacionam-se a uma variação interna, ou seja, trata-se de duas sub-variedades do Ñandeva falado no Brasil, ou Ñandeva-PL ao se aproximar do Kaiowá e do Avañe´e, constitui-se já como uma sub-variedade dessas duas variedades.

1.2 A posição do Guarani Nandeva no conjunto da família Tupi-Guarani

O Guarani Nandeva, juntamente com o Kaiowa, Mbya, Awa, Avanche'e (Guarani Paraguaio/Jopara) e o Guarani do Chaco boliviano (Izoceño/Chané, Tapieté e Guayakí/Aché) são variedades da língua Guarani faladas na atualidade, dentro e fora do Brasil. A língua Guarani foi classificada por Rodrigues (1987/2000) como pertencendo ao Ramo I, da família Tupi-Guarani (TG), que por sua vez faz parte do tronco Tupi.

No conjunto das 10 famílias¹ do tronco Tupi, a família TG se destaca como a mais numerosa e dispersa. Dividida em 8 ramos por Rodrigues (1984/85), é composta por, aproximadamente, 30 línguas, e atualmente são faladas nos estados do Amazonas, Rondônia, Amapá, Pará, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e ainda na Guiana Francesa, Venezuela, Peru, Colômbia, Bolívia, Paraguai e Argentina. No século XVI, as línguas TG que eram muito mais numerosas, eram faladas praticamente por toda a extensão do litoral brasileiro e também na bacia do rio Paraná.

No que se refere ao ponto de diversificação das línguas do tronco Tupi, tomando como base a constatação que a maioria das línguas da família TG estão dentro da Amazônia, assim como estão todas as outras 9 famílias desse tronco, Rodrigues (2000) sustenta que o Tronco Tupi é "essencialmente amazônico". E devido a quantidade e a diversidade de famílias que compõe esse tronco distribuírem-se entre os rios Guaporé, o alto Madeira e o alto Aripuanã, é possível afirmar que o centro da dispersão do tronco Tupi deve ter ocorrido em algum lugar nessa região:

The Guaporé River is a part of the international border between Bolivia and Brazil in the southern part of the Brazilian state of Rondônia. It flows westwards into the Mamoré, which is a tributary of the Madeira. Languages of the Tupi linguistic stock are found to north and to the south of Guaporé. On the northern side, in Brazilian

¹ As outras famílias pertencentes ao tronco Tupi são: Tuparí- RO, Arikém- RO, Ramaráma-RO, Monde-RO/MT, Puruborá, Jurúna, Mundurukú, Awetí e Mawé

state of Rondônia, members of six branches or families of the stock are found, namely Tuparí, Mondé, Ramaráma, Puruborá, Arikem and Tupi-Guarani, whereas on the southern side, in Bolivia, the Tupí languages all belong to the Tupi-Guaraní family. (RODRIGUES 1996, pg. 355)

Para dar conta das línguas da família TG faladas fora da Amazônia, o autor propõe que os antepassados dos TG (ramos I, II e III²) empreenderam longas e diferentes migrações rumo ao sul:

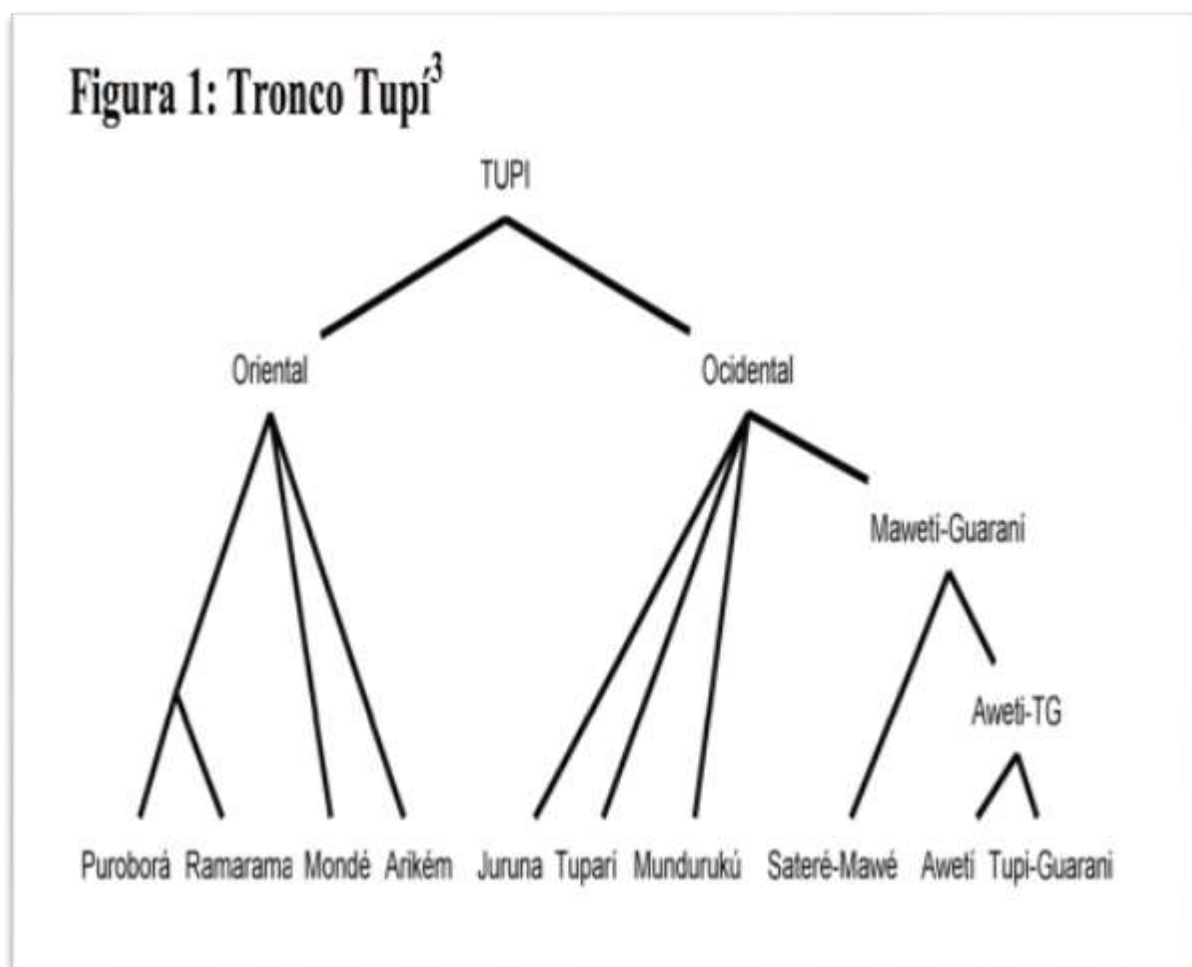
Caso exemplar da característica migratória TG envolve os povos Guarani, que perfizeram grande deslocamento territorial, transitando do leste ou sudeste amazônico para o alto rio Paraguai (RODRIGUES 2000b) ou para o rio Paraná (RAMIREZ 2017), daí até a porção meridional do continente sul-americano (a bacia Platina), chegando, finalmente ao litoral brasileiro. (MARTINS & VEZZARRO, 2017, p. 11)

De fato, atualmente, o Guarani, é o representante mais meridional dos idiomas da família TG, já que das línguas TG situadas fora da Amazônia, são as suas variedades aquelas que são faladas tanto em território brasileiro (estados de Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), quanto no Paraguai e na Argentina.

Apresentamos a seguir, a classificação do tronco Tupi e da Família Tupi-Guarani proposta por Cruz (2009). O Quadro 4, identifica Figura 1, que foi “construída com base em Projeto Tupi-Comparativo, citado por Drude (2008, 240), com indicação dos ramos ocidental e oriental, indicados por Rodrigues e Cabral (2003) e Dietrich (2010)”. (CRUZ, 2009, p. 02):

² Esta foi a classificação proposta por Rodrigues (1984/85) Ramo I: Kaiwá (Kayová, Pãï) Nhandéva (Txiripá), Mbyá, Guaraní Paraguaio, Xetá, Guarani do Chaco boliviano (Chiriguano) (Áva), Izoceño (Izozó, Chané), Tapieté e Guayakí (Aché) o Guarani Antigo, hoje extinto; **Ramo II**: Guarayó (Guarayú), Sirionó, Yúki; **Ramo III** a Língua Geral Amazônica (Nheengatú). A língua Tupí, a Língua Geral Paulista (Tupí Austral) e o Tupinambá estão extintos; restam apenas documentos escritos. Em outro trabalho, Rodrigues (2000) apresenta uma outra proposta de classificação, em que o Guarani do Chaco boliviano (Chiriguano) passa a compor o ramo II.

QUADRO 01
Tronco Tupi

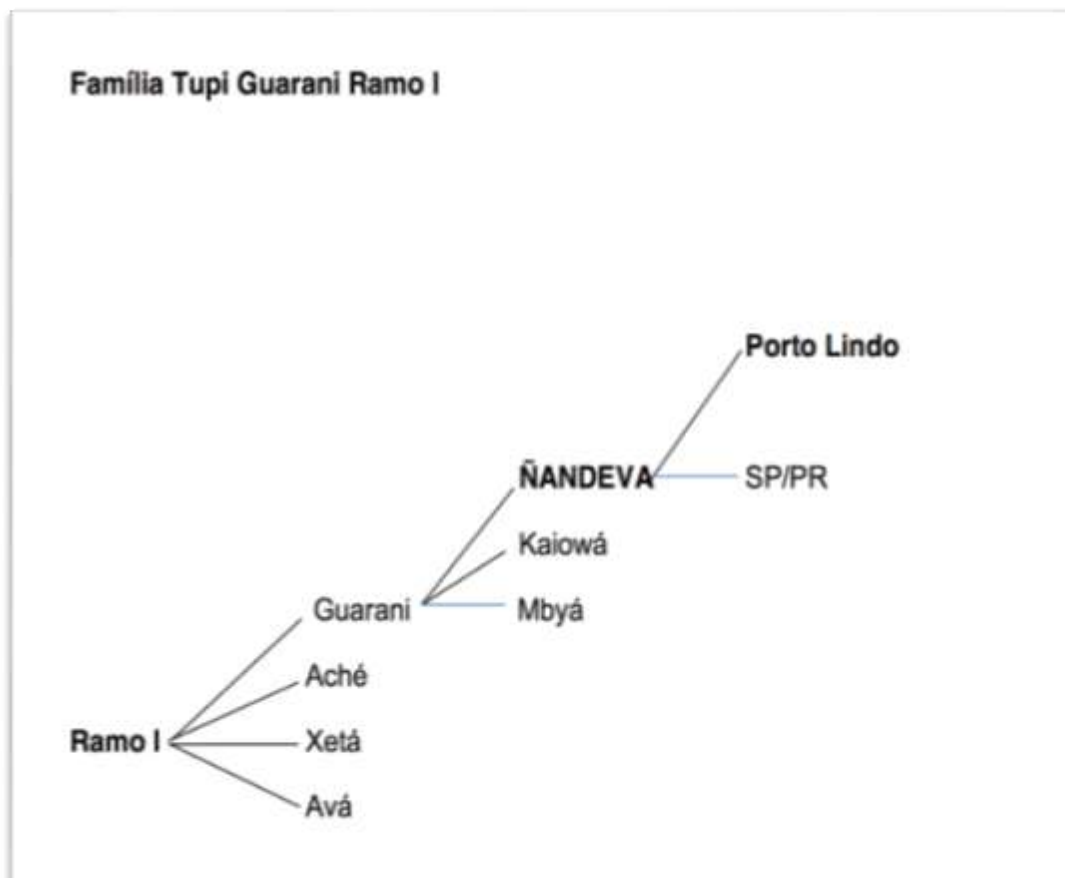


Já o Quadro 05 reúne as línguas da família Tupi-Guarani, sendo que sua classificação baseada em Rodrigues (1985) e Etnolinguística (2011):

QUADRO 02 Família Tupi-Guarani



Destacamos a seguir, no Ramo I, a língua Guarani com suas variedades faladas no Brasil e no Paraguai:



De acordo com Costa (2003), a classificação étnica e linguística das muitas variedades do Guarani, assim como as complexas formações de sub-variedades ou a relação de parentesco entre as sub-variedades desse povo, é tema dos mais complexos e cita a afirmação, de Schaden (1954, p.12), sobre as dificuldades para se estabelecer uma genealogia dos povos Guarani:

"(...) Quanto às designações correntes para as inúmeras hordas encontradas na bibliografia, a confusão é tal que toda tentativa de estabelecer ordem é condenada, desde logo, a resultados insatisfatórios." (SCHADEN, 1954 *apud* COSTA 2003, p.13)

Nesse cenário, o povo que se denomina Nandeva se destaca por sua distribuição. De fato, enquanto os Kaiowa se circunscrevem ao Mato Grosso do Sul,

os Nandeva, mesmo em menor número, vivem tanto no Mato Grosso do Sul quanto em São Paulo, no interior do estado do Paraná, assim como no litoral do Brasil, nos estados do RS, SC, RJ. Evidentemente qualquer discussão sobre os Nandeva necessita levar em consideração o clássico trabalho de Curt Nimuendaju, do início do século XX, “*As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião do Apapocúva-Guarani*”: que “narrando a saída, rumo à Terra sem Males, de parte dos três grupos Nhandewa (Taňyguá, Oguauíva, Apapocúva) que habitavam a margem direita do baixo Iguatemi, no sul de Mato Grosso do Sul” COSTA 2003, p. 18), chegam no Estado de São Paulo, e se instalam no Araribá³.

Assim, ainda segundo a mesma autora, o que Nimuendaju chamou de Apapocúva-Guarani foram esses grupos quase “arrasados, dissidentes daqueles três primeiros” (Taňyguá, Oguauíva, Apapocúva), que foram reunidos no Araribá. E por serem os Apapocúvas maior numericamente, o seu nome foi estendido a todos. Os Nandeva de Porto Lindo são, possivelmente, descendente desses mesmos grupos Taňyguá, Oguauíva, Apapocúva, que permaneceram as margens direitas do baixo Iguatemi, no sul de Mato Grosso do Sul.

Um dos poucos, se não o único quantitativo, sobre a população Nandeva, no Brasil, vem de Dooley (1991), que além do dado demográfico, traz a localização de grupos Nandeva fora do seu território tradicional as margens do rio Iguatemi, destacando os que conservam ou não a língua:

- No Posto Indígena (PIN) Nimuendajú (o antigo Araribá) (ADR Bauru/SP), segundo informação colhida em 1989, pela 1ª SUER da FUNAI em Curitiba, nesse PIN vive uma comunidade com 118 indígenas do grupo Nandeva, mas que não fala este dialeto (a mestiçagens parece ser um fator responsável por isso);
- No PIN Kopenoti (ADR Bauru/SP), entre 263 indígenas em sua maioria Terena, vivem 4 Guarani. Não se sabe sobre a língua falada por eles;

³ Segundo Costa (2003, p. 17), “O atual nome é Posto Indígena *Nímuendaju*. *Araribá* era o antigo nome. Hoje, é o nome da área (espaço físico) e compreende o PIN Nimuendaju e o PIN Kopenoti (área Terena). O antigo Araribá foi dividido entre as duas etnias. Usarei uma e outra denominação referindo-me à mesma Área.”

- No PIN Icatu (ADR Bauru/SP), entre 86 indígenas, em sua maioria Kaingang, vivem alguns Guarani. Não se sabe sobre seu número exato ou sua língua;
- No Prumirim (“área próximo a praia de Prumirim, à esquerda de quem se dirige a Parati pela Rio-Santo, 15 km, depois de Ubatuba”), tem-se notícia de 10 Ñandeva. Não se sabe sobre a língua usada ali;
- No PIN Rio Silveira (município São Sebastião-SP), os falantes de Ñandeva compõem a maioria e são chamados de Txiripá pelo Mbyá de lá. Os dois variedades (Mbya e Nhandewa) continua em uso. Conforme Barbosa e Barbosa (p.xiii), a população total de Nhandewa, em 1985, era 67; em 1979, o CIMI contou 17;
- No PIN Peruíbe (Município de Peruíbe-SP), onde antigamente se falava Nhandewa, sofreu forte influência da população não-indígena, o que ocasionou inclusive mestiçagem. Seus falantes atuais são poucos, em 1984, seu número aproximado era de 133 pessoas;
- No PIN Bananal (município de Peruíbe-SP), ainda vivem falantes do Ñandeva, mas existe também a mestiçagem, ao ponto de maioria da comunidade falar o português;
- No PIN Itariri (Serra dos Itatins/município de Itariri), a maioria agora parece ser falante de Mbyá, e há casamentos entre Ñandeva e Mbya. Barbosa e Barbosa (p.iii) dá o número de 32 como população total; já o CIMI (1979) menciona 15 Chiripá (Ñandeva), “liderado pelo Capitão Antonio Branco, filho do antigo Capitão Joaquim Branco, que veio com grupo de Mato Grosso do Sul”;
- No PIN Laranjinha (ADR Londrina, município de Santa Amélia-PR) vivem aproximadamente 185 pessoas, a maior parte sendo descendência Ñandeva, a comunidade por si fala em português, apenas 5 ou 6 indivíduo falam bem em Ñandeva;
- No PIN Pinhalzinho (ADR Londrina, município de Guapirama), umas 75 a 90 pessoas vivem numa área de 277 alqueires, recentemente demarcada. A situação linguísticas é semelhantes a de Laranjinha, mas na escola não há ensino em língua indígena;
- No PIN São Gerônimo da Serra (ADR Londrina, município de São Gerônimo da Serra-PR), moram 15 a 20 famílias pertencentes aos

grupos Ñandeva ou mestiçadas com ele; no PIN Barão de Antonina (também ADR Londrina, município de São Gerônimo da Serra-PR), vivem também 4 ou 5 famílias ou mestiçadas com elas. Nos dois PIN os falantes Nhandewa são bem raros e a comunidade fala basicamente português, e

- No PIN Ocoí (município de São Miguel do Iguçu-PR), juntaram-se em anos recentes grupo de chamados “Ñandeva”, do oeste do estado e até do Paraguai. Não se sabe até que ponto o Nhandewa é falado nessa região na região. Os grupos na zona fronteira com Paraguai, geralmente sofre forte influência do Avañe'e.

- **ÑANDEVA DE MATO GROSSO DO SUL**

Sobre os Nhandeva de Mato Grosso a do Sul, Dooley (1991) menciona, além da sua localização, dados populacionais, de 1979, estimados pelo CIMI:

- i) PIN Dourados: 600 Ñandéva,
- ii) PIN Caarapó: uns poucos (número indeterminado)
- iii) PIN Piraju'y: a maioria dos 550 habitantes,
- iv) PIN Ramada: minoria dos 600 habitantes,
- v) PIN Jacare'y: a maioria dos 600 habitantes.

O autor afirma, também, que outras fontes estimam o número de Guarani em Piraju'y em torno de 1.600 ou mais, e que mais umas centenas de Nhandeva vivem, ainda, em fazendas e outras terras particulares em Mato Grosso do Sul.

1.3 Objetivo Geral

Fazer uma análise comparativa de alguns aspectos da gramática do Ñandeva falado na Reserva Porto Lindo, com os de outras três variedades do Guarani, quais sejam: Kaiowa, Avañe'e, e Nhandewa falado nos estados de São Paulo e Paraná.

1.3.1 Objetivos Específicos

- i) Descrever, preliminarmente, o contexto sociolinguístico da Reserva de Porto Lindo levando em consideração o contato entre as diferentes línguas em circulação nesse ambiente;
- ii) Estabelecer a relação de proximidade e distanciamento entre o Nhandeva-PL e as outras variedades do Guarani: Kaiwa, Nhandewa (SP/PR) e Avañe'e;
- iii) Fornecer subsídios para a produção de materiais didáticos para as escolas Nhandeva.

2 TEKOKHA PORTO LINDO: CONTEXTO SÓCIO-LINGUÍSTICO-CULTURAL

A Reserva Indígena (RI) de Porto Lindo é umas das oito primeiras reservas criadas, entre 1915 a 1967, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Com uma área de 2000 hectares, foi criada no dia 14 de novembro de 1928, porém quando foi homologada no ano de 1991, pela Fundação Nacional de Índio (FUNAI), sua área foi reduzida a 1646 hectares (CAVALCANTE, 2014, p.49 *apud* NUNES, 2019, p. 03).

A RI de Porto Lindo faz divisa com terra tradicional “Yvy Katu” (Terra Sagrada), sendo separada apenas por uma rodovia sem pavimentação. Mesmo tendo a Terra Indígena (TI) Yvy Katu 7804 hectares (C. Imagem de satélite da TI Yvy Katu e RI Porto Lindo), a sua população é menor do que da RI de Porto Lindo. Isso se deve ao fato de que parte desta TI ser fruto de retomada recente, que iniciou somente no ano de 2003. Nessas duas comunidades, a maioria dos habitantes é Ñandeva, mas há também algumas poucas famílias Kaiowa, e um número um pouco maior Ñandeva (Txiripa) do Paraguai, que vieram à procura de melhor qualidade de vida. Há também várias lideranças, mas um só cacique geral, que vive em Porto Lindo.

Às margens do Rio Iguatemi, afluente do Rio Paraná, a RI Porto Lindo e a TI Yvy Katu, localizam-se no município de Japorã (Imagem A. município de Japorã-MS) situado a 400 km ao sul de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, e, aproximadamente, à 5 km da linha seca que divide Brasil e Paraguai (AMAUÍLIO 2015). A RI mais próxima a Porto Lindo e Yvy Katu, é a RI de Sassoró, do município de Tacuru, onde a comunidade é majoritariamente Kaiowá.



A. Município de Japorã, no estado MS



B. Município de Japorã



C. Imagem de satélite da TI Yvy Katu e RI Porto Lindo

O estado de Mato Grosso do Sul é o território que abriga a maior população Guarani Ñandeva do Brasil: aproximadamente 11.436 (Ministério da Saúde 2019). Contudo, é o povo Kaiowá que está em maior número no estado: são aproximadamente 34.858 (Ministério da Saúde 2019). Buscando na população Ñandeva de MS, um quantitativo da população da RI de Porto Lindo e Yvy Katu,

apresentamos, os dados demográficos apresentados pelo Distrito Sanitários Especiais Indígenas (DSEI):

Demográfico quantitativo geral

Demográfico quantitativo geral

Faixa etária	Todas as idades
Período	22/07/2019

Dsei	Polo base	Aldeia	Faixa etária	Quantidade
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Porto Lindo	Menor de 5 anos	507
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Porto Lindo	5 a 9 anos	534
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Porto Lindo	10 a 19 anos	1137
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Porto Lindo	20 a 59 anos	1589
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Porto Lindo	Maior ou igual a 60 anos	207
Total				3.974

Faixa etária	Todas as idades
Período	22/07/2019

(DSEI)	Polo Base	Aldeia	Faixa etária	Quantidade
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Acampamento Yvy Katu	Menor de 5 anos	84
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Acampamento Yvy Katu	5 a 9 anos	93
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Acampamento Yvy Katu	10 a 19 anos	159
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Acampamento Yvy Katu	20 a 59 anos	223
Mato Grosso do Sul	Iguatemi	Acampamento Yvy Katu	Maior ou igual a 60 anos	41
		Total		600

Fonte: (Sistema de Informações da Atenção da Saúde Indígena) - Sesai/MS 22/07/2019

2.1 Os povos Guarani do Mato Grosso do Sul

É sabido que também, que alguns Ñandeva de Mato Grosso do Sul vivem em comunidades Kaiowá. Na RI de Te'yikue, município de Caarapó e na RI de Amambai, no município de Amambai, por exemplo, vivem juntos Kaiowá e Ñandeva. Por serem os Ñandeva minorias, nessa reserva é a variedade Kaiowá que predomina. Já na RI de Dourados, onde vivem três grupos diferentes: Kaiowá, Ñandeva e Terena, a língua mais utilizada é o português. Quanto às variedades do Guarani aí faladas, como há um número expressivo de população Kaiowa, a variedade Kaiowa é a majoritária. Além disso, como será apresentado a seguir, o variedade Kaiowa nesse contexto do Mato Grosso do Sul, representa a língua da escolarização e da evangelização, o que lhe garante um maior *status* se comparada ao Ñandeva.

Na RI de Porto Lindo e na TI Yvy Katu, assim como nas aldeias Cerrito município de Eldorado, Sombrierito, município de Sete Quedas, por exemplo, o cenário é diferente. Nessas comunidades a maioria dos habitantes é Ñandeva, sendo o número de famílias Kaiowá bastante reduzido. Desse modo, a variedade Kaiowa tem menor circulação na RI de Porto Lindo, assim como nas outras comunidades citadas. Além disso, um outro diferencial da RI de Porto Lindo é a circulação do Avañe'e e do espanhol, que inexistente em Dourados. A proximidade com a fronteira do Paraguai (a 5 km da linha seca) facilita a circulação de famílias Ñandeva do Paraguai (Txiripa) falantes do Avanhe'e e do espanhol, sendo que algumas delas acabaram se estabelecendo na RI de Porto Lindo. Vivem também na reserva, algumas famílias de não indígenas (brasileiros e paraguaios).

Ao serem questionados sobre a "língua que falam", os Ñandeva da RI de Porto Lindo, afirmam que falam a língua Ñandeva. A atitude linguística dos falantes, como esperado, manifesta o caráter identitário da língua ao conectar o povo Ñandeva de Porto Lindo aos outros povos Ñandeva que vivem em outras partes do Brasil, e mesmo fora dele. Contudo, não expressa a complexidade do contexto sociolinguístico da Reserva de Porto Lindo, em que o Ñandeva aí falado, ao sofrer a influência de outras variedades do Guarani, se constitui de forma diferenciada do Ñandeva falado em outras regiões, como por exemplo, São Paulo e Paraná. De fato, como nossa análise vai mostrar, é possível estabelecer uma relação de maior

proximidade do Ñandeva de Porto Lindo com o Kaiowa e o Avañe'e, do que com o Nhandewa falado em São Paulo e Paraná.

De fato, como a análise que aqui se configura pretende mostrar, a diversidade linguística do território aqui mencionado (Porto Lindo), em que circularam e ainda circulam diferentes línguas: variedades do Guarani (Kaiowa, Ñandeva, e Avañe'e), português e espanhol, constitui-se um cenário profícuo para a diversificação linguística. No que diz respeito a variedade do Ñandeva falada no Mato Grosso do Sul, Dooley (1996, p. 3) afirma tratar-se de “uma mistura de Kaiwá, Avañeém e seu próprio dialeto” e menciona Nimuendajú para corroborar essa tendência: “Os bandos do sul de Mato Grosso, por sua vez, incorporam elementos estranhos à sua língua através do paraguaio” (pp. 24s)” (NIMUENDAJÚ 1994/1987 *apud*, DOOLEY 1991, p. 3). De fato, a postulação de uma sub-variedade do Ñandeva falado no Mato Grosso Sul, já podia ser encontrada na literatura desde os trabalhos de Nimuendaju, que afirmava que era difícil identificar um dialeto Ñandeva “puro”, pois os Ñandeva de Mato Grosso do Sul, falavam mistura de Kaiowá, Avañe'e e o próprio Ñandeva.

Assim, processo de contato entre essas variedades do Guarani, no Mato Grosso do Sul, é resultado de um processo histórico e social complexo, que remonta ao final do século XIX, quando fundação em 1892, da Companhia Mate Laranjeira, já que de acordo com Brand (2003, *apud* NUNES 2019) foi somente com a chegada da Companhia Mate Laranjeira na região, em 1892, que Ñandeva, Kaiowá e não indígenas paraguaios foram sistematicamente reunidos para serem explorados como mão de obra barata, pela Mate Laranjeira.

Assim, é possível afirmar que primeiras e mais significativas situações de contato entre a variedades do Guarani, o espanhol e o português, na região que hoje é a RI de Porto Lindo, foram marcadas pelo convívio cotidiano de indígenas e não indígenas (paraguaios), coagidos a um trabalho exaustivo imposto pela Mate Laranjeira:

João Aquino afirma que “naquela época (1920-1925), só a Companhia que tomava conta”. E explica que os índios trabalhavam junto com trabalhadores paraguaios, que também “gosta de trabalhar de erva”. Ubaldo Castelan, cujo pai também era trabalhador na Cia Matte Larangeira, ao confirmar que muitos índios trabalhavam na erva, reconhece que “trabalhou, apanhou, mas nesse tempo quase não tem lei, eu lembro, nesse tempo quase não tem lei”. Acácio Ribeiro, da aldeia do Km XX, município de

Laguna Caarapã, em terras da atual Campanário e antiga sede da Cia Matte Larangeira e hoje residente em Amambai, também, destaca que “naquele tempo não tinha outro serviço, só aquele. Então trabalhou muito, ajudou muito a pessoa que vem trabalhar na erva”. (BRAND, 2003, p. 3)

Depois da Mate Laranjeira, outro elemento crucial para a introdução da cultura não indígenas e, sobretudo da variedade Kaiowa, na RI de Porto Lindo, foi a chegada da Missão Evangélica Caiuá (organização não governamental ligada a igrejas evangélicas) que, segundo Nunes (2019), trouxe a escola e a igreja para comunidade:

Essa escola da Missão Caiuá foi pioneira na introdução das doutrinas cristãs, que tinham como objetivo tornar os Nandeva “letrados e civilizados por meio da religião evangélica, bíblia e hinário” Além de atuar, de forma autoritária na disseminação de conhecimentos estranhos à cultura Nandeva, esse modelo de escola, que era monolíngue em língua portuguesa, promoveu uma política linguística de desvalorização do Nandeva com a respectiva promoção do português. (NUNES, 2019, p. 05)

Desde então, o povo Nandeva, assim como as outras etnias que habitam o Mato Grosso do Sul, têm, como enfatiza Chamorro (2012, p. 21 *apud* NUNES, 2019), as suas línguas e costumes ameaçados, já que a pressão da cultura envolvente, sobretudo, no que se refere ao processo de evangelização, é extremamente forte. Caso exemplar dessa relação de força entre a evangelização e a cultura Guarani, é a situação dos rezadores (pajé). Na maioria das comunidades onde há rezadores (pajés), a cultura Guarani Nandeva e Kaiowa se mantém forte, contudo com a entrada das igrejas, que promovem de forma autoritária os dogmas e preceitos do cristianismo em detrimento da cultura Guarani, a autoridade dos rezadores está sendo questionada, desqualificada e silenciada.

Se na Reserva Indígena Porto Lindo, na atualidade, a escola não segue mais o modelo missionário, já que se organiza a partir da proposta de educação escolar diferenciada, no qual a língua indígena deve estar presente (alfabetização/língua de conhecimento), o mesmo não pode ser dito sobre as igrejas. Depois da entrada da Missão Caiuá, muitas outras igrejas ganharam espaço e, hoje, há, aproximadamente, 25 ministérios na RI Porto Lindo, o que representa um grave perigo para a cultura Nandeva. Observa-se, atualmente, que os mais jovens estão

deixando de lado a sua cultura, passando a valorizar mais a cultura de não indígenas, e isso inclui, por exemplo, a adesão ao cristianismo com consequente abandono da cultura dos rezadores (pajé). A cultura não indígena, portanto, via o cristianismo, cada vez mais vem ganhando forças na comunidade de Porto Lindo.

Contudo, mesmo diante desse cenário adverso, o povo Ñandeva de Porto Lindo tenta manter sua identidade, sua cultura. A língua como um desses elementos identitários, sempre foi considerada importante, e por isso foi preservada. E ainda que o contato com não indígenas tivesse trazido forte impacto, os Ñandeva de Porto Lindo conservam a sua língua e tentam manter seu modo de vida se adaptando as novas realidades que lhes são impostas. Esse trabalho de pesquisa representa essa posição de defesa da cultura Ñandeva, e pretende contribuir especificamente para a promoção da língua Ñandeva falada em Porto Lindo.

2.3 Linguística Tipológico-Funcional e Sociolinguística

Os aportes teóricos e metodológicos da Linguística Tipológico-Funcional⁴ e da Sociolinguística⁵ são tomados como norteadores da descrição e da análise do Ñandeva-PL, aqui propostas. A Linguística Tipológico-Funcional foi adotada na medida em que garante a observação de um fenômeno linguístico e a classificação do que é observado por meio da comparação entre as línguas. Seus princípios e métodos ao mesmo tempo em que levam em consideração à diversidade linguística também permitem que se busque as propriedades comuns entre as línguas. Além disso, o enfoque Tipológico-Funcional constrói explicações das generalizações observadas.

É importante destacar que, diferente de outras abordagens teóricas (Gerativismo, por exemplo), aa perspectiva do Funcionalismo linguístico, de acordo com Givón (1985), as formas linguísticas resultam de uma ação contínua entre as forças externas da língua (o objetivo da comunicação, as necessidades do falante)

⁴ Hopper e Thompson (1980-1984), Comrie (1989), Givón (1990, 2001), Kemmer (1993), Du Bois (1985)

⁵ Labov (1972a), Tarallo (2002, 1990), Alkimim (2001), Camacho (2001)

e as pressões internas da língua (generalizações estruturais). A língua, portanto, segundo o mesmo autor, é um sistema funcional: um sistema de meios de expressão (forma) que serve para uma determinada finalidade (significado). Assim, a análise da gramática de uma língua deve levar em conta as motivações “internas” e “externas”, as quais estariam gerando uma “competição entre domínios” (GIVÓN, 1990).

Dito isso, a pesquisa proposta organiza-se comparando tipologicamente o Ñandeva-PL com Kaiowa, Avañe’è, Nhandewa-SP/PR buscando compreender as relações de distanciamento ou proximidade entre essas variedades. É assim, pelo contraste das características estruturais das línguas analisadas, estruturas estas determinadas por motivações intra e extralinguísticas, que pretendemos estabelecer afinidades ou diferenças entre elas.

A Sociolinguística, por sua vez, apresenta-se como uma área da Linguística, também se constitui na relação entre o “intra” e o “extra” linguístico. Ao estabelecer o aspecto social, assim como a diversidade, como elementos constitutivos da língua, aproxima-se da abordagem Funcionalista. De acordo com Alkimim (2000) Sociolinguística estuda a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, nas situações reais de uso sendo essa língua caracterizada por sua natureza constitutivamente variável. O seu objeto de estudo, portanto, é a diversidade linguística e, segundo Bright (1974 apud ALKIMIM 2000, p. 28), a Sociolinguística deve:

demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade linguística. (BRIGHT 1974, p. 34).

Relacionando sociedade, diversidade/ variação linguística a Sociolinguística, recobre diversos enfoques e alcança áreas como as ciências sociais por meio dos estudos da Sociologia da Linguagem e da Etnografia da Comunicação. Contudo, evidenciamos aqui, duas das suas ramificações que se desenvolveram dentro da área da Linguística: a Sociolinguística Interacional e Sociolinguística Variacionista. De acordo com Camacho (2000) estes dois enfoques podem assim ser descritos:

- i) *Sociolinguística Interacional*: estudos fortemente ligados à análise da conversação. Enquanto a Sociologia faz perguntas como: “como nós conversamos?”, a Linguística por meio da Análise da Conversação pergunta: “como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação?”
- ii) *Sociolinguística Variacionista*: analisa as variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para a variação inerente ao sistema linguístico. Cada domínio, linguístico e social, são entendidos como fenômenos estruturados e regulares: ou seja, a variação linguística não é resultado aleatório de uso arbitrário e inconsequente de falantes, mas uso sistemático e regular de uma propriedade inerente ao sistema linguístico, que é a variação.

A variação do sistema linguístico pode desenvolver uma mudança no sistema. Contudo para que uma mudança ocorra deve existir, em primeiro lugar, uma variação não distintiva entre os elementos durante certo período de tempo:

Para a Teoria da Variação e da Mudança, a mudança linguística deve ser entendida no interior de uma dada comunidade linguística. A mudança é um dos resultados possíveis de um processo de variação. Ou seja, dado que duas variantes linguísticas estejam em competição pelo mesmo lugar no sistema linguístico de uma determinada comunidade, dois resultados são possíveis: ou as duas formas se mantêm em variação ao longo do tempo, ou uma das formas acaba se tornando majoritária” (PAGOTTO, 2006, p. 55)

A visada sociolinguística proposta, aqui, não almeja, nesse momento, a aplicação rigorosa dos métodos da sociolinguística variacionista ou da Teoria da Variação e Mudança. Nosso objetivo é evidenciar a heterogeneidade da língua Guarani, materializada pelas numerosas variedades. De fato, a língua Guarani é falada por diferentes povos em muitos países da América do Sul. O território da grande nação guarani se estende do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil – seu ponto mais meridional – passando pela Argentina, Paraguai, Bolívia, chegando até o Peru, Colômbia e Venezuela.

Essa ampla distribuição territorial do Guarani, que o distingue como o idioma indígena falado no maior número de países sul-americanos, levou Morello (2017) a propor a caracterização do guarani como um idioma “transnacional”:

Estudos recentes mostram que além de ser língua de milhares de paraguaios, incluindo os indígenas guarani, em todos os territórios onde se encontra, é mantida por grande parte do povo que a fala e seus âmbitos de uso estão em franca expansão. Não há dados demolinguísticos atualizados, mas fontes avaliam em mais de 10 milhões de falantes do guarani. (MORELLO, 2017, p.226)

Além disso, Morrello (2017) sugere também, que o guarani seja considerado uma língua “pluricêntrica”. Seguindo as postulações dos pesquisadores Michael G. Clyne (1992) e Rudolf Muhr (2012) para as línguas pluricêntricas, a autora mostra que o guarani pode se encaixar nessa categoria, já que :

ii) tem um estatuto de língua oficial em pelo menos dois países: o avanhe'e (guarani paraguaio) é a língua oficial do Paraguai, assim como o mbya é a língua oficial no município de Tacuru, no Mato Grosso do Sul, desde 2010.

ii) cada uma de suas variedades tem características linguísticas suficientes que as distinguem uma das outras: se tomarmos com referência o território brasileiro, mesmo com três diferentes povos: mbya, nhandeva, koiwa e awa, falando cada uma variedade do guarani, podemos afirmar que o guarani falado no Brasil se constitui como uma variedade diferente do falado em outros países.

iii) é símbolo de expressão da identidade e da singularidade sociocultural de cada povo: indiscutivelmente, a língua tem valor “de enlace histórico e sociocultural dos povos que originalmente a fala”. (MORELLO, 2017, p. 223).

O Guarani, assim, ao se distinguir tanto pela abrangência de sua distribuição territorial quanto pelo seu grande número de falantes, também se singulariza como um idioma que se estabelece a partir de um contexto sociolinguístico complexo. Destaca-se o peso do fator regional na constituição de suas variedades, assim como os contextos linguísticos diferenciados em pesam as línguas em contato e as distintas sub-variedades. Das variedades do Guarani faladas fora do território

brasileiro, trazemos como exemplo, o Guaraní do Chaco Boliviano⁶, que se estabelece em um cenário sociolinguístico próprio, em que as influências do contato tem características singulares: além do Weenhayek⁷, Siriono, Guaranyo e Tapiete, territorialmente mais próximos, o Guaraní do Chaco, com seus dialetos Ava (e subdialetos Simba e Chané) e Izoceño (Dietrich, 2010), coexiste com outras línguas promovidas a línguas oficiais⁸ pelo Estado boliviano.

Nesse contexto, o Ñandeva falado no Brasil, é uma das variedades do Guaraní menos conhecida, o que de acordo com Dooley (1991), traz implicações para a própria identificação das variedades do Guaraní faladas no Brasil:

Segundo Schaden, "os Guaraní do Brasil Meridional podem ser divididos em três grandes grupos: os Ñandéva, os Mbüá e os Kayová" (1974:2).¹ Se, porém, contássemos, não apenas grupos indígenas, mas dialetos da língua Guaraní falados no Brasil, teríamos que acrescentar mais um, o Avañeém (Guaraní Paraguaiense), que é falado em regiões vizinhas àquele país. A distinção entre estes dialetos apresenta importante problema prático, tanto para o leigo como para o lingüista: nem todos poderão usar o mesmo material escrito, e a compreensão entre certos destes dialetos é difícil. Uma das razões da dificuldade em distinguir estes dialetos é uma lacuna no conhecimento atualizado do Ñandéva, dialeto que, de uma forma ou outra, é intimamente ligado com cada um dos outros três. (DOOLEY, 1991, p. 2)

De tal modo, a descrição e análise de alguns aspectos da gramática do Ñandeva-PL proposta aqui, pretende fornecer elementos para uma caracterização regionalizada (Variação Geográfica/Diatópica)⁹ dessa variedade. Algumas

⁶ Pejorativamente chamado de Chiriguano.

⁷ Pejorativamente chamado de Mataco, faz parte da família de mesmo nome: Mataco

⁸ Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia
Artigo 5.

I. São idiomas oficiais do Estado o castelhano e todos os idiomas das nações e povos indígenas originários camponeses, que são o aymara, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasuawe, guarayu, itonama, leco, machajuyai-kallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quechua, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uruchipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré e zamuco.

II. O Governo plurinacional e os governos departamentais devem utilizar ao menos dois idiomas oficiais. Um deles deve ser o castelhano, e o outro se decidirá tomando em conta o uso, a conveniência, as circunstâncias, as necessidades e preferências da população em sua totalidade ou do território em questão. Os demais governos autônomos devem utilizar os idiomas próprios de seu território, e um deles deve ser o castelhano. (Wikipédia - Site visitado em 16/09/2019)

⁹ São aquelas variações, distribuídas no espaço físico, observáveis em falantes de regiões geográficas distintas (ALKMIM, 2001)

considerações da ordem da Variação Social (Diastrática)¹⁰ também serão assinaladas, e podem servir como indicadores para análises futuras. Já a análise comparativa, que expõe o contexto plurilíngue (Ñandeva, Kaiowa, Avañe'e, Português e Espanhol) da comunidade falante de Porto Lindo, é entendida como fundamental para a compreensão tanto das relações de proximidade e distanciamento entre as variedades, quanto das sub-variedades do Ñandeva faladas no Brasil.

2.3.1 O Corpus

O conjunto de dados que compõe o *corpus* desse trabalho, é constituído por três tipos de materiais:

- i) Dados indiretos: provenientes das pesquisas já feitas sobre as variedades do Guarani aqui analisadas; foram compilados a partir de uma pesquisa bibliográfica, da qual destacamos os estudos sobre o Ñandeva apontando sua fraca documentação:
 - Texto dos arquivos linguísticos do SIL “Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guaraní Contemporâneo”, de Dooley (1991);
 - Dissertação de mestrado “Nhandewa aywu”, de Costa (2003);
 - Tese de doutorado “Apyngwa Rupigwa: Nasalização Em Nhandewa-Guarani” de Costa (2007);
 - Tese de doutorado “Características Fonéticas e Fonológicas do Guarani no Brasil”, Ivo (2018)
 - Livro, “As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani, de Nimuendaju (1987). O contato com os dados linguísticos dessa obra foi feito de forma indireta por meio dos trabalhos de Costa (2003/2007) e Dooley (1991);

Não tivemos acesso aos materiais a seguir, identificados como documentos

¹⁰ Variações que elacionam se ao conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala. São fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALKMIM, 2001)

referentes ao Nhandeva:

- Texto do XXV Anais de Seminários do GEL, "Nhandéva: Breves Comparações de Aspectos Fonológicos, de Guedes & Minatel (1996);

- Três textos de mesmo nome, "Estudo da Fonologia do Guarani do Araribá, de Costa (1999a/b/c), apresentados no *XL VII seminário do GEL, Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste e no VII Congresso Interno de Iniciação Científica*. Campinas: Unicamp, respectivamente. Não tivemos acesso a esse material.

ii) Dados do Ñandeva-PL coletados pelo pesquisador:

- por meio de questionários linguísticos e sociolinguísticos aplicados junto a falantes autodenominados Ñandeva, da Reserva Porto Lindo; os questionários mesmo elaborados pelos critérios: idade, sexo, escolaridade ocupação, pelo seu número (9) não pode ser rigorosamente considerado como uma amostragem do fator variação social, do contexto sociolinguístico de Porto Lindo, contudo, será utilizado como um indicador para análise do Ñandeva-PL;

- por meio de depoimentos (3), sobretudo, dos falantes mais velhos (acima dos 60 anos), com os quais o questionário não se mostrou apropriado. Os temas dos depoimentos versam sobre a cosmogonia Ñandeva.

iii) Dados do Ñandeva-PL do próprio pesquisador que é falante do Ñandeva-PL

3. ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO ÑANDEVA-PL: UM ESTUDO COMPARATIVO

Tomando com base o já mencionado trabalho de Dooley (1996), faremos uma análise comparativa entre o Ñandeva-PL e as três outras variedades do Guarani: Avañe'e (Guarani Paraguaio), Ñandeva (SP/PR) e o Kaiowa. A análise se organiza a partir de recortes de aspectos da gramática dessas variedades: a fonologia, o léxico e a morfossintaxe.

3.1 A Fonologia

A Fonologia é observatório fundamental para a compreensão das variedades de uma língua. No caso do Guarani não diferente. Como poderá ser observado, é no sistema fonológico que se encontram muitos elementos indicadores de semelhanças e diferenças entre essas variedades. Assim, a descrição e análise da sua fonologia são importantes, pois permite por um lado, estabelecer relações de proximidade ou afastamento entre as variedades e, por outro, propor algumas generalizações objetivando a classificação.

Enquanto o Kaiowa, Mbya, Nhandeva-SP/PR e o Avañe'e apresentam propostas para o seu sistema fonológico, o Ñandeva-PL ainda não. Há uma proposta de descrição que está sendo desenvolvida por Jairo Miniellk, mas que ainda não está disponível para consulta. Vale destacar, no entanto, que Ivo (2018) apresenta uma proposta para o sistema fonológico do que ela denomina Nhandeva-MS – Ava, que é idêntica a proposta para o Kaiowa feita pela mesma autora. Os dados Nhandeva-MS – Ava analisados pela autora, foram coletados nas aldeias Cerrito e Amambaipaguá, dos municípios de Eldorado e Amambai, no Mato Grosso do Sul, respectivamente.

Dito isso, apresentamos a seguir as propostas para o sistema consonantal das 3 variedades do Guarani (Quadro 3: Nhandeva-SP/PR, Quadro 4: Kaiowa, e Quadro 5: Avañe'e, Quadro 5: Kaiowa e Nhandeva-MS) postas em comparação com Ñandeva-PL:

QUADRO 03
Fonemas/Fones Consonantais NHADEVA- SP/PR (COSTA, 2003/2007)

	Bilabial	Lábio-Dental	Alveolar	Palato-Alveolar	Palatal	Velar	Lábio-Velar	Glotal
Nasal	[m]	[ɱ]	[n]		[ɲ]	[ŋ]		
Pré-nasalizadas	/mb/ [m] [mb]		/nd/ [n] [nd]		[ndʒ]	[ŋg]	[ŋg ^w]	
Oclusiva	/p/		/t /			/k/ [ŋg] [g] [g]	/k ^w / [k ^w] [g ^w] [ŋg ^w]	/ʔ/
Tepe			/r/					
Fricativa		[v]	[s]					
Africada			/ts/	/tʃ/	[dʒ]			
Aproximante	/w/ [w] [g ^w] [v] [v] [m]	[ʋ]			/j/ [j] [ɲ] [dʒ] [ndʒ]	/ɥ/ [ɥ] [g] [ŋg]		

QUADRO 04
Fonemas/Fones Consonantais KAIOWA (CARDOSO, 2008)

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Nasal	/m/ [m] [mb] [b]		/n/ [n] [nd] [d]		/ɲ/ [ɲ] [dʒ] [j] [j]	/ŋ/ [ŋ] [ŋg] [g]	/ŋ ^w / [ŋ ^w] [ŋg ^w] [w [~]] [g ^w]	
Pré-nasalizadas	[mb]		[nd]			[ŋg]	[ŋg ^w]	
Oclusiva	/p/ [b]		/t/ [d]			/k/ [g]	/k ^w / [g ^w]	/ʔ/
Tepe			/r /					
Fricativa		[v]	/s/	/ʃ /				/h/
Africada					[dʒ]			
Aproximante	/w/ [w] [v]				[j]			

QUADRO 05
Fonema/Fones do AVAÑE'Ë (GREGORES & SUAREZ 1967)

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Nasal	/m/		/n/			/ŋ/ [ŋ] [j]	/ŋʷ/	
Pré-nasalizada								
Oclusiva	/p/		/t/			/k/	/kʷ/	/ʔ/
Tepe			/r/					
Fricativa		/v/	/s/	/ʃ/		[x] /χ/	/χʷ/	/h/ [h] [x]
Africada								
Aproximante					[j]			
Lateral Aproximante			/l/					

QUADRO 06
Fones Consonantais KAIOWA e NHADEVA-MS (IVO, 2018, p. 169)

Quadro 10 – Contóides Kaiowá e Nhandewa

	KAIOWÁ/MS				NHANDEVA/MS					
Oclusivas	[p]	[t]	[k]	[ʔ]	[p]	[t]	[k]	[ʔ]		
Pré-nasalizadas	[^h b]	[^h d]	[^h dʒ]	[^h g]	[^h gʷ]	[^h b]	[^h d]	[^h dʒ]	[^h g]	[^h gʷ]
Nasais	[m]	[n]	[ɲ]	[ŋʷ]	[m]	[n]	[ɲ]	[ŋʷ]		
Labializadas			[kʷ]	[gʷ]			[kʷ]	[gʷ]		
Tepe		[r]				[r]				
Africadas			[dʒ]				[dʒ]			
Fricativas		[s]	[ʃ]	[x]	[h]	[s]	[ʃ]	[x]	[h]	
			[y]				[y]			
Aproximantes	[w]	[v]	[j]	[w]	[v]	[j]	[w]	[v]		

3.1.1 Nossa proposta: o sistema fonológico do Ñandeva-PL

De tal modo, tomando como base as descrições e análises fonológicas já estabelecidas para o Kaiowa (CARDOSO, 2008, IVO, 2018), Nhandeva-SP/PR (COSTA 2003/2010, IVO, 2018) e o Avañe'e (GREGORES & SUAREZ 1967), assim como dados do Ñandeva-PL coletados para essa pesquisa, apresentaremos um conjunto de fonemas/alofones do Ñandeva-PL, que mesmo entendido como bastante preliminar – não foi rigorosamente testado no âmbito da metodologia exigida para estabelecimento de sistemas fonológicos – é aqui tomado como um ponto de partida para análise, já que é possível afirmar que os pontos que gerariam alguma controvérsia envolvem muito mais a decisão sobre o que é fonema/alofone envolvendo determinados sons, do que a existência deles como integrantes do sistema fonológico do Ñandeva-PL. Além disso, os referidos desacordos analíticos em questão, relacionam-se a alguns segmentos apenas.

De fato, segundo Ivo (2018), as pesquisas sobre a fonologia da língua Guarani demonstram relativa regularidade, contudo é comum se observar alguns pontos divergentes:

É instigante observar que as divergências nas análises dessa língua estejam concentradas, quase que integralmente, em três aspectos: (01) definição do estatuto fonológico da fricativa labiodental em sua relação com as aproximantes [w] e [ʋ], (02) definição do estatuto fonológico da africada palatal e sua relação com os sons nasais (03) definição do estatuto fonológico das consoantes pré-nasais em sua relação com as nasais plenas. (IVO, 2018, p. 218)

3.1.2 Nasais plenas *versus* consoantes pré-nasalizadas

Tomando como referência o aspecto (03) *definição do estatuto fonológico das consoantes pré-nasais em sua relação com as nasais plenas* (IVO 2018), observa-se que, as nasais plenas são consideradas fonemas /m/, /n/, /ŋ/ e /ŋ^w, sendo a sua contraparte, as pré-nasais, consideradas alofones: [mb], [nd], [ŋg] e

[ŋg^w], nas análises de Cardoso (2008), para o Kaiowa (Quadro 2), e de Gregores & Suarez (1967), para o Avañe'e (Quadro 3). Já Costa (2003/2007) para o Nhandeva-SP/PR (Quadro 01) e Ivo (2018) para o Kaiowa e Nhandeva-MS-Ava consideram fonemas as pré-nasais.

A nossa proposta para o Ñandeva-PL, segue as análises de Cardoso (2008) para o Kaiowa, e a de Guedes (1991) e Dooley (2006) para o Mbya, ou seja, serão considerados fonemas, no Ñandeva-PL, as nasais plenas /m/, /n/, /ŋ/, /ŋ^w/, sendo seus alofones os segmentos [mb], [nd], [ŋg], [ŋg^w], respectivamente. Já os segmentos i) oclusivos alveolar [d] e bilabial [b] são considerados alofones dos fonemas /n/ e /m/, enquanto ii) [g] e [g^w] são alofones dos fonemas /ŋ/ e /ŋ^w/.

3.1.3 Africada palato-alveolar [dʒ] versus os sons nasais

No que diz respeito à (02) *definição do estatuto fonológico da africada palatal e sua relação com os sons nasais* (IVO, 2018), as análises de Costa (2003/2007) para o Nhandeva-SP/PR e de Gregores & Suarez (1967) para o Avañe'e tomam a aproximante palatal /j/ como fonema, sendo os alofones as consoantes [dʒ] e [j]. Cardoso (2008), para o Kaiowa, por sua vez, assume a nasal palatal /ɲ/ como fonema, sendo os alofones as consoantes [j] e [dʒ].

A nossa proposta para o Ñandeva-PL, nesse caso, também segue as análises de Cardoso (2008) para o Kaiowa, e a de Guedes (1991) e Dooley (2006) para o Mbya, ou seja, serão considerados fonemas no Ñandeva-PL, a nasal palatal /ɲ/, sendo seus alofones os segmentos [j] e [dʒ]:

Assim, como já mencionado, no que diz respeito aos aspectos (2) e (3) (IVO, 2018), a controvérsia na análise envolve muito mais a decisão sobre o que é fonema ou alofone do que a existência ou não dos referidos sons nas variedades do Guarani investigadas. Contudo, destaca-se que o debate aí instalado, é resultado da complexidade do fenômeno da nasalidade no Guarani:

Os processos de nasalização em línguas Guarani têm sido objeto de interesse da Fonologia há várias décadas, já tendo sido tratados em diferentes abordagens e modelos teóricos. Apesar disso, nenhuma das interpretações sugeridas encontrou aceitação irrestrita entre os estudiosos dessas línguas. (COSTA 2003, v)

Assim, se decisão do que é ou não fonema, nos casos em destaque, é resultado da interpretação do fenômeno da nasalidade no Guarani, podemos afirmar que, conseqüentemente, estamos diante de uma decisão complexa.

3.1.3.1 Fricativa labiodental [v] *versus* aproximantes [w] e [ʋ]:

No que se refere ao primeiro ao aspecto (01) assinalado por Ivo (2018), que é a definição do estatuto fonológico da fricativa labiodental [v] em sua relação com as aproximantes [w] e [ʋ], a situação é um pouco mais complexa, já que Ivo (2018) propõe a exclusão, do sistema fonológico das variedades do Guarani analisadas por ela, do segmento fricativo labiodental [v], segmento este identificado nas análises do Kaiowa (CARDOSO, 2008) e Nhandeva-SP/PR (COSTA 2003/2007), assim como do Avañe'e (GREGORES & SUAREZ, 1967):

- i) **Kaiowa:** na análise de Cardoso (2008), para o Kaiowa, os segmentos [v] e [w] são tomados como alofone da aproximante bilabial /w/:
[vaj] ~ [waj] “ruim, feio”
- ii) **Nhandeva-SP/PR:** na proposta de Costa (2003/2007) para Nhandeva-SP/PR, o fonema é /w/ sendo seus alofones [v], [w] e a aproximante labiodental [ʋ]:
[we'we] ~ [ve've] ~ [ʋe'ʋe] “voar”
- iii) **Avañe'e:** na proposta de Gregores & Suarez (1967), há o registro da fricativa labiodental /v/ somente.
[vai] “to be ugly, evil, bad”

Nos dados Nhandeva-PL coletados e analisados nessa pesquisa não foi identificada a fricativa labiodental [v]. Registramos somente a aproximante [w], e em pouquíssimos dados a [ʋ]. Uma análise mais rigorosa precisa ser feita para que

se possa determinar tanto a ocorrência de [v], assim como a variação entre [w] e [v]:

QUADRO 07
Aproximantes: bilabial [w] e labiodental [v] – ÑANDEVA-PL

[wo'ko]	“bocó”
[ɥwɪ'ra]	“árvore”
[a'va]	“homem/indígena”
[ho'wɪ]	“é azul, verde”
[xa'wo]	“sabão”
[ɥwo'tɪ]	“flor”
[ɥwɪ'ra]	“árvore”
[weuɪj]	“ser leve”

A análise de Ivo (2018) que elimina a fricativa labiodental [v] do sistema fonológico das variedades do Guarani faladas no Brasil estabelece mais um ponto de convergência para a unidade dialetal do Guarani. O Nhandeva-PL fazendo parte desse conjunto, se afasta do Avañe'e e do Kaiowa que, de acordo com Gregores & Suarez (1967) e Cardoso (2008), respectivamente, registram a fricativa labiodental [v] no seu sistema fonológico.

3.1.3.2 Fricativa glotal surda /h/

A ocorrência da fricativa glotal surda [h] é registrada no Kaiowa (CARDOSO, 2008), assim como Avañe'e (GREGORES & SUAREZ (1967). Ivo (2018), por seu turno, afirma que fricativa glotal surda [h] tem um comportamento próprio a cada variedade do Guarani falada no Brasil:

Os Mbyá, em todos os Estados pesquisados, produziram a fricativa glotal [h] em sílabas pré-tônicas ([ho'ɔ] ('azul, verde'), alternando, em alguns momentos, com o apagamento desse som nessa posição ([o'ɔ] 'azul, verde').

[...] Os Nhandeva/MS e o Kaiowá/MS produzem a fricativa glotal não vozeada [h] em sílabas pré-tônicas e tônicas: [ho'ɔ] 'azul, verde', [k^wara'hi] 'sol.

[...] O Nhandewa/SP-PR não produz a fricativa glotal [h], como atestado na pesquisa de Costa (2007) e em outros trabalhos. (IVO, 2018, p. 153-154)

O Ñhandeva-PL ao mesmo tendo que se afasta do Nhandeva-SP/PR, apresenta-se semelhante ao Kaiowa, Avañe'e, e ao Nhandeva falado em Cerrito e em Amambaipaguá (MS), tendo a fricativa glotal surda [h] atestada em ambiente tônico e pretônico:

QUADRO 08
Fricativa glotal surda [h]

Ñandeva-PL	Avañe'e	Kaiowa	Nhandeva-SP/PR	
[o'ho]	o'ho	o'ho	o'o	"(ele/a) foi"
ha'sɪ	ha'sɪ	ha'sɪ	a'sɪ	"doi"
ha'ku	ha'ku	ha'ku	a'ku	"é quente"
ho'ʔa	ho'ʔa	ho'ʔa	o'ʔa~ho'ʔa	"ele/a caiu"
ha'ʔe	ha'ʔe	ha'ʔe	a'ʔe~ha'e	"ele/a"
hepɪ	he'pɪ	he'pɪ	e'pɪ	"é caro"
oŋ ^w a'hẽ	oŋ ^w a'hẽ	oŋ ^w a'hẽ	oma'e	"chegou"
haku	ha'ku	ha'ku	a'ku	"é quente"

Contudo, foram identificados alguns poucos dados no Ñandeva-PL em que a fricativa glotal [h] não é produzida. Nesses contextos, observa-se sua ocorrência no Kaiowa e Avañe'e:

QUADRO 09
Ausência da fricativa glota surda [h] – Nandeva-PL

Ñandeva-PL	Kaiowa (CARDOSO, 2008)	Avañe'e (MELIÁ, 2007)	
[i ^w aj] [oŋg ^w a'hēi ^w k ^w aj] “eles estão chegando”	[hi ^w aj] [o ^h o'pamahi ^w k ^w aj] “todos estão indos”	hi ^w aj] [oŋg ^w a'hēhi ^w k ^w aj] “eles estão chegando”	“aspecto continuativo”
[ina] [o ^h oi ^w ina] “ele/a está indo”	[hina] [ʃero ^h aʔarōhina] “eu ainda estou esperando você”	[hina] [o'une ^w hina] “talvez esteja vindo”	“aspecto continuativo”

Esta interpretação de que a ocorrência/ausência da fricativa glotal surda [h] apresenta-se num contínuo: i) ocorre no Kaoiva, Avañe'e, Nhandeva-MS-Ava, e também no Ñandeva-PL, ii) alterna com sua ausência no Mbya, e iii) é inexistente no Nhandeva-SP/PR, parece ser consenso na maioria das análises (IVO, 2018, DIETRICH, 2013) e DOOLEY, 1991). O que esses poucos dados do apresentados no Quadro 07 apontam, possivelmente, é um vestígio do sistema fonológico arcaico do Ñandeva-PL, em que, como o Nhandewa-SP/PR, a fricativa glotal surda [h] era inexistente.

Ivo (2018), traz, ainda uma análise alternativa por meio da qual propõe a ocorrência de uma fricativa glotal sonora [ɦ] nas variedades brasileiras do Guarani:

Os Nhandeva e Kaiowá produzem a fricativa glotal /h/ ([ɦ] ~ [h]) em sílabas tônicas e pré-tônicas. A produção desse som em sílabas tônicas distingue-se do que é observado nas outras parciais. Observe-se que a fricativa glotal não vozeada /h/ é produzida no Nhandeva e no Kaiowá em ambientes nos quais o Mbyá e o Nhandewa a apagaram, ou a transformaram, ou em lugares onde produzem a oclusiva glotal /ʔ/. (IVO, 2018, p. 199)

Sendo que a análise rigorosa da fonologia do Ñandeva-PL foge ao escopo

deste trabalho, optamos por registrar no seu inventário fonético/fonológico somente a fricativa glotal surda [h]. Essa interpretação situa o Ñandeva-PL numa relação de proximidade como o Kaiowa e o Avañe'e, o que, conseqüentemente, tanto do afasta do Nhandewa-SP/PR, falado na atualidade quanto do Apapocúva de Nimuendaju.

3.1.3.3 Fricativas *versus* africadas

O conjunto das variedades do Guarani, no qual se incluem as variedades aqui investigadas, assim como a variedade Mbya, apresentam uma relação entre segmentos fricativos e africados que pode ser considerada um observatório produtivo para delinear a proximidade e o afastamento entre essas variedades.

Segundo Ivo (2018), a africada palatal [dʒ] é registrada em todas por todas as variedades do Guarani. No Ñandeva-PL não é diferente [dʒ] é atestado e considerado um alofone, juntamente com [ɲ] e [j], do fonema /ɲ/.

QUADRO 10
/ɲ/ [dʒ] ~ [ɲ] ~ [j]

dʒa		ɲ		j	
[dʒa'sɪ]	“lua”	[ɲakĩ'rã]	“grilo”	[mboj]	“cobra”
[dʒaka'ru]	“comemos”	[ɲa'ndu]	“aranha”	[hu'g ^w aj]	“rabo dele”
[tu'dʒa]	“velho/ancião”	[ɲa'ndɪ]	“banha”	[ajpo'ta]	“eu quero”
[dʒa'ku]	“jacutinga”	[ɲũ'hã]	“armadilha”	[mbaj'pɪ]	“mingau”

Contudo, as africadas alveolar e palatal surdas [ts] e [tʃ] registradas no Mbya e Nhandewa-SP/PR não foram registradas no Ñandeva-PL. Nos contextos em que

essas africadas ocorrerem, o Ñandeva-PL apresenta as fricativas alveolar e palatal surdas [s] e [ʃ], o que o aproxima do Kaiowa e do Nhandeva falado em Cerrito e em Amambaipaguá (MS), assim como do do Avañe'e, e, conseqüentemente, o afasta do Nhandewa-SP/PR:

QUADRO 11
Fricativas [s] e [ʃ] versus africadas [ts] e [tʃ]

Fricativas [s] e [ʃ]			Africadas [ts] e [tʃ]	
Ñandeva-PL	Avañe'e	Kaiowa	Nhandewa-SP/PR	
[dʒaʔsɪ]	[dʒa'sɪ]	[dʒa'sɪ]	[dʒa'tsɪ]	“lua”
[e'ʃa]	[e'sa]	[e'ʃa]	[e'tsa] ~ [e'tʃa]	“ver”
[g ^w a'su]	[g ^w a'su]	[g ^w a'su]	[g ^w a'tsu]	“veado”
[mbi'ʃɪ]	[mbi'ʃɪ]	[mbi'ʃɪ]	[mbi'tʃɪ]	“assado”

Sobre as relações fricativas *versus* africadas, Ivo (2018) não apresenta novidade, ou seja, segundo ela a “análise acústica foi esclarecedora para interpretarmos os distanciamentos entre as parcialidades, que se concentram, marcadamente, na classe das obstruintes” (IVO, 2018, p.272), ou seja, as fricativas [s] e [ʃ] aproximam o Nhandeva do Mato Grosso do Sul e o Kaiowa, na medida que o afastam do Nhandewa-SP/PR e Mbya, variedades estas em que são registradas as africadas [ts] e [tʃ].

O Ñandeva-PL, nesse aspecto, compõe o conjunto das variedades do Guarani faladas em Mato Grosso do Sul, conjunto esse que se aproxima do Avañe'e.

3.1.3.4 As fricativa velares [x] e [χ]

A análise de Guedes (1991) para o Mbya propõe que a consoante fricativa velar sonora [χ], como um alofone da vogal alta central não arredondada [i]: ocorre em variação com [i] ou com [ɸ]: [adʒa'ɣa] ou [adʒa'ia] “eu corto”; [piɣa'u] ou [pia'u] “novo”. É registrada por Gregores & Soares (1967), que consideram [χ], assim como

a fricativa velar labializada [ɣʷ], fonemas no Avañe'e. Já para o Kaiowa, nem Bridgeman (1961), Harrison & Taylor (1971), ou Cardoso (2008) registram o fricativa velar sonora [ɣ].

Já a fricativa velar surda [x], é registrado como um alofone da fricativa glotal surda /h/ no Avañe'e, por Gregores & Soares (1967). Ivo (2018), por sua vez, identifica as fricativas velares [x] e [ɣ] afirmando que ocorrem somente no Nhandeva-MS-Ava e no Kaiowa, e em sua maioria em empréstimos do espanhol. No que diz respeito as outras variedades, vai dizer que “Nesse ponto de articulação, os Mbyá e Nhandewa produzem apenas os sons aproximantes.”(IVO, 2018, p. 157). No Nhandeva-PL, a fricativa velar surda [x] foi identificada somente em empréstimos do espanhol:

QUADRO 12
Fricativa velar surda [x] – ÑANDEVA-PL

Ñandeva-PL	Espanhol
[ˈsoxa]	“soja”
[xãˈwõ]	“jabón”
[nãˈrãxa] ~ [nãrã]	“naranja”

QUADRO 13
Fricativa velar sonora [ɣ] ÑANDEVA-PL – AVAÑE'E

Ñandeva-PL	Avañe'e	
[ɣ̥aw]	[ɣ̥au]	“Algas”
[pɣ̥ahu~pɣ̥ahu]	[pɣ̥aˈhu]	“Nova”
[ˈoɣa]	[ˈoɣa]	“Casa”
[ɣ̥aˈrɪ]	[ɣ̥aˈrɪ]	“Cedro”

Segundo Ivo (2018), a história do contato explica o número significativo de empréstimos do espanhol na língua Guarani:

O uso das fricativas velares [x] e [ɣ], pelas variedades do Mato Grosso do Sul, por exemplo, sobretudo da fricativa velar não vozeada [x], que aparece apenas em dados de empréstimo, pode ser compreendido à luz do contato ainda operante entre aquelas parciaisidades com o Guarani do Paraguai, o *Jopará*. (IVO, 2018, p. 270)

A autora afirma ainda, que alguns empréstimos da língua portuguesa confirmam que a língua Guarani, sincronicamente, não opera com fricativas sonoras, o que explicaria a pronúncia da palavra “feijão” como [fej’jãw], pelas variedades do Mato Grosso do Sul. Segundo Ivo (2018), a substituição da fricativa palatal sonora [ʒ] por sua contraparte surda [ʃ], é esperado em um sistema que opera fonologicamente sem fricativas sonoras.

Junte-se a isso, o fato de, diferentemente de outras análises das variedades do Guarani (CARDOSO, 2008 e GUEDES, 1983, DOOLEY, 1983, D. COSTA, 2010), Ivo (2018) incluir, seguindo Costa (2003/2007), a aproximante velar [ɰ] no sistema fonológico do Guarani:

QUADRO 14
Aproximante velar [ɰ] – Ivo (2018, p. 215)

[ɰ]: aproximante velar. Ocorrem em sílabas tônicas, à exceção de dados de empréstimo do Espanhol, pelas parciais do Mato Grosso do Sul:	
4. [adʒa'ɰa]	'eu corto' (Mbyá e Nhandewa)
5. <u>[adʒa'ɰa] ~ [adʒa'ɣa]</u>	<u>'eu corto' (Nhandeva e Kaiowá)</u>
6. <u>[i'ɰa] ~ [i'ɣa]</u>	<u>'barco' (Nhandeva e Kaiowá)</u>
7. [i'ɰa] ~ [i'a]	'barco' (Mbyá e Nhandewa)
8. [i'ɰara]	'barco' (Nhandeva e Kaiowá)

Ivo (2018) afirma ainda, que nas poucas produções registradas do Kaiowa e do Nhandeva-MS-Ava, [ɰ] alterna com [ɣ] nos mesmos ambientes. Já Guedes (1983), D. Costa (2010), Dooley (1983) e Mello (2010), para o Mbya, e Cardoso (2008), para o Kaiowa, não identificam o segmento [ɰ], mas sim nasal velar [ŋ], que estaria operando nos mesmos ambientes descritos por Ivo (2018) e Costa (2003/2007), para [ɰ].

Sendo que uma análise rigorosa da fonologia do Ñandeva-PL se faz necessária para que se possa fazer afirmações mais precisas sobre o seu sistema, nossa proposta preliminar para os segmentos consonantais do Ñandeva-PL inclui tanto a fricativa velar sonora [ɣ] e a aproximante velar [ɥ], quanto a nasal velar [ŋ].

Apresentamos a seguir uma proposta preliminar para o sistema fonético/fonológico do Ñandeva-PL. Os segmentos consonantais aparecem descritos no quadro 13, e os segmentos vocálicos no quadro 14:

QUADRO 15
Fonemas/Fones Consonantais ÑANDEVA-PL

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Nasal	/m/ [m] [mb] [b]		/n/ [n] [nd] [d]		/ɲ/ [ɲ] [dʒ] [j]	/ŋ/ [ŋ] [ŋg] [g]	/ŋʷ/ [ŋʷ] [ŋgʷ] [gʷ]	
Pré-nasalizadas	[mb]		[nd]			[ŋg]	[ŋgʷ]	
Oclusiva	/p/ [b]		/t/ [d]			/k/ [g]	/kʷ/ [gʷ]	/ʔ/
Tepe			/r/					
Fricativa			/s/	/ʃ/		[x] [χ]		/h/
Africada					[dʒ]			
Aproximante	[w]	[v]			[j]	[ɥ]		

QUADRO 16
Fonemas/Fones Vocálicos - ÑANDEVA-PL

	Anterior		Central		Posterior	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alto	/i/	/ĩ/	/i/	/ĩ/	/u/	/ũ/
Médio	/e/ [e] [ɛ]	/ẽ/ [ẽ] [ɛ]			/o/ [o] [ɔ]	/õ/ [õ] [ɔ]
Baixo			/a/	/ã/		
	Não arredondada		Não arredondada		Arredondada	

3.1.3.5 Processos fonológicos

Destacamos dois processos fonológicos: i) a duplicação de núcleo silábico, e a ii) supressão de segmentos: sufixo nominalizador/relativizador -va'e, e da partícula ramo, que codifica o modo subjuntivo, as sentenças adverbiais (temporal, causal ou condicional)

3.1.3.6 Duplicação do núcleo silábico

A duplicação do núcleo silábico em palavras monossilábicas tônicas, é um processo fonológico produtivo no Nhandeva-SP/PR (assim como no Mbya – GUEDES, 1991) usado para evitar a formação de vocábulos fonéticos monossilábicos tônicos: [i'i] "água", o [o'o] "casa de alguém", [tu'u] "pai de alguém". Essa restrição como relação à palavra monossilábica tônica não é observada no Nhandeva-PL, assim como também não ocorre no Kaiowa e no Avañe'e:

QUADRO 17
Duplicação de núcleo silábico

Nhandeva-PL	Kaiowa	Avañe'e	Nhandewa-SP/PR	
[i]	[i]	[i]	[i'i]	"água"
[ʃe]	[ʃe]	[ʃe]	[tʃε'ε]	"eu"
[nde]	[nde]	[nde]	[nde'ε]	"você"

Podemos constatar assim, que nesse quesito, o Nhandeva-PL se aproxima do Kaiowa e do Avañe'e, conseqüentemente se distanciando do Nhandewa-SP/PR e do Mbya.

3.1.3.7 Supressão de segmentos

De acordo com Dooley (1996), Nimuendajú menciona que no Nhandeva há uma tendência muito acentuada de "desgastar e reduzir posposições, sufixos e sílabas finais átonas...Apapocúva é o dialeto da língua geral que mais avançou nesta direção' (pp. 21s)." (DOOLEY, 1996, p. 16). Examinaremos aqui, dois elementos destacados pelo autor: "o relativizador ou nominalizador ʃa'e" e o que ele denomina a "conjunção subordinativa ramõ" (DOOLEY, 1996, p. 17).

3.1.3.7.1 Nominalizador/relativizador

A nominalização é um fenômeno característico das línguas TG, sendo morfema **-βa'é*, descrito como “nominalizador de proposição” do Proto-TG (JENSEN 1998a) e *-βa'é*, do Tupinambá, como “nominalizador de predicados” (RODRIGUES, (1983/2010)). A nominalização, por sua vez, também ocorre como estratégia de relativização.

Dooley (1996) afirma que em todos os dados do Ñandéva, por ele analisados, o relativizador ou nominalizador *βa'e* está sujeito à redução à forma *βa*:

Os nomes Ñandéva e Apapocúva terminam com esse elemento; seus significados são, respectivamente, 'o que é nosso' e 'o que tem arco (apa) comprido (puku)'. Nas listas de palavras e nos textos anexos, achamos 'koβa (C.040) ~ 'koβa e 'este (o que está aqui)', a'neβa (D.176) ~ a'neβa e 'nossa gente (o que é nosso)', 'peβa ~ 'peβa e (D.077) 'aquele (o que está ali)', etc.(DOOLEY 1996, p. 17)

O mesmo autor também afirma que nos dois textos de Nimuendajú, a forma não reduzida ocorre 57 vezes, enquanto a reduzida ocorre nove vezes. Já nos textos anexos que analisou, a não reduzida ocorre 74 vezes enquanto a reduzida ocorre 78 vezes. Diz ainda, que esta variação entre as duas formas não é arbitrária, já que a redução tende a ocorrer em expressões mais comuns e frequentes.

O Ñandeva-PL, como as outras variedades do Guarani apresenta sufixos nominalizadores/relativizadores dentre eles o sufixo *-va*, claramente a redução de *βa'e* registrado no Nhandewa-SP/PR e no Apapocúva. Não foram registrados no Ñandeva-PL nenhuma ocorrência da forma plena, o que o aproxima do Avañe'e que também apresenta somente a forma reduzida desse sufixo:

QUADRO 18
Redução –Nominalizador/Relativizador Va('e)
Ñandeva-PL – Avañe'e

Ñandeva-PL	Avañe'e	
[id3a'puwa]	[id3a'puwa]	“aquele que mente”

[opura'heiwa]	[opura'heiwa]	“aquele que canta”
[okaru'wa]	[okaru'wa]	“aquele que come”
[mokra'ɛ'ɔ'ɔ'wa]	[mokra'ɛ'ɔ'ɔ'wa]	“aquele que anima”

No Kaiowa, por sua vez, de acordo Dooley (1996), a forma reduzida -βa ocorre oito vezes nos quatro textos de Taylor (1974), enquanto a forma não reduzida ocorre 38 vezes. Cardoso (2008), em sua análise do Kaiowa, não menciona uma forma reduzida do referido sufixo. Como não tivemos acesso aos textos de Taylor (1974), apresentamos os dados do Kaiowa, em que o referido sufixo ocorre somente na sua forma não reduzida, mas aceitamos a análise de Taylor (1974).

QUADRO 19
NHANDEWA-SP/PR/NIMUENDAJU versus KAIOWA

Kaiowá (CARDOSO, 2018)		Nhandewa-SP/PR (DOOLEY, 1991)	
[je ahe'ja vaʔe]	“eu vejo”	[koβa] [koβaʔe]	“este”
[oisuʔvaʔek ^w e]	“aquele que mordeu”	[na'neβa] [na'neβaʔe]	“nossa gente”
[aŋwere'kovaʔerã]	“eu terei”	[peβa] [peβaʔe]	“aquele”

De tal modo, a análise da redução do relativizador/nominalizador va(‘e) nas variedades analisadas por Dooley (1991) mostram uma gradação i) redução total no Avañe'e, ii) redução parcial no Kaiowa e no Ñandéva de São Paulo/Paraná e de Nimuendajú, e iii) redução inexistente no Mbya. No Ñandeva-PL a redução também é total, o que o aproxima novamente do Avañe'e:

QUADRO 20
Relativizador/nominalizador nas quatro variedades

Ñandeva-PL	Avañe'e (MELIÁ, 2007)	Kaiowá (CARDOSO, 2008)	Nhandewa SP/PR (DOOLEY, 1996)
[o'howa] “aquele que este indo”	[odʒero'kɪwa] “aquele que dança”	[ahe'ʃavaʔe] “o que eu vejo”	[koβaʔe] ~ [koβa] “este”

Já os dados do Quadro 21 exemplificam estruturas em que *va'(e)* ocorre com as formas do futuro (-rã) e do passado (-kue ~ -ngue) nominais nas quatro variedades. Sobre esse aspecto, Dooley (1996, p. 18), observa que *va'e*, quando em distribuição com morfemas de tempo, parece não ocorrer na sua forma reduzida (Avañe'e), ou é rara (Nhandewa-SP/PR):

nos textos de Nimuendaju, é possível achar a forma reduzida com um sufixo do tempo futuro (βa'rã 'futuro (o que será)'), mas isso é mais raro. [...] A forma reduzida com sufixo do tempo passado (βa'k^we 'passado (o que era)') não consta em nenhum dos textos, entre 47 ocorrências. [...] Em Avañeém, a forma reduzida é a única que ocorre, a não ser com sufixo de tempo: vaʔe'rã 'futuro', vaʔe'k e 'passado' (DOOLEY, 1996, p. 18).

QUADRO 21
Relativizador/nominalizador e morfemas de tempo nominal

Ñandeva-PL	Kaiowá (CARDOSO 2008)	Avañe'e (MELIÁ 2007)	Nhandewa SP/PR	
[ou 'ak ^w e] “aquele que veio”	[oisuʔuvaʔe'k ^w e] “aquele que mordeu”	[ʃeahawaʔe'k ^w e] “eu quem fui”	[va'k ^w e] “o que era”	Passado nominal
[oisuʔuwa'rã] “aquele que vai morder”	[aŋgwereko] vaʔe'rã] “eu terei”	[woiwaʔẽrã] “o que é cedo”	[ombodʒaʔowaʔerã] “que serão cortadas”	Futuro nominal

Enquanto nos dados apresentados do Nhandewa-SP/PR, Kaiowa e Avañe'e *-va'e* não sofre redução ao se distribuir junto aos morfemas de tempo nominal, corroborando as afirmações de Dooley (1996), no Ñandeva-PL a redução é observável com os dois morfemas de tempo, e, no caso da estrutura [ou 'ak^we] “aquele que veio”, a perda de material fonético é consideravelmente maior: (v)a'(e).

Outro caso, do morfema *-ra(mõ)* (subjuntivo), evidencia a tendência a redução do Ñandeva-PL *-rõ*:

QUADRO 22

Ñandeva-PL	Nhandewa (DOOLEY, 1996)	Avañe'e (MELIA, 2007)	Kaiowa (CARDOSO, 2008)
REDUÇÃO TOTAL	VARIAÇÃO		
[kõ'ʔerõ] “amanhã”	[kaa'runõ] “de noitinha”	[dʒa'heʃaramõ] “se nós virmos (alguém)”	[õsema'ramõ] “quando saiu”
[na'serõ] “se nós sairmos”	[koenõ] “de manhã”	[ndopu'pujram o] “se não ferver”	[ma'riao'homã'rãmo] “porque Maria saiu...”
[dʒaharõ] “se nos formos”	-	[upej'ʃarõ] “se for assim”	-
[odʒe'wɪrõ] “se ele voltar”	-	[pɪae'ʔramo] “se não for rápido”	-

O Ñandeva-PL, assim, parece exibir um padrão de redução, que se desenvolveu de forma mais acentuada que o Avañe'e, variedade essa, que segundo Dooley (2008), já apresenta redução “total”, se comparado ao Nhandewa-SP/PR e o Kaiowa (redução intermediária), e com o Mbya (redução inexistente).

3.2 LÉXICO

No Mato Grosso do Sul, estado onde vivem falantes Kaiowa e Ñandeva, às vezes em um mesmo território, a influência do Kaiowa como idioma majoritário, pode ser considerada intensa. A influência dos Kaiowa pode ser observada não somente no que se refere ao aspecto linguístico. O processo de evangelização, por exemplo, muito mais acentuado junto aos Kaiowa, também pode ser apontado como um elemento que tem ganhado maiores proporções junto aos Ñandeva-PL pelo contato destes com os Kaiowa.

A característica migratória dos povos Guaraní também contribui para reforçar o contato entre suas variedades. De fato, no Mato Grosso do Sul, a proximidade com a fronteira do Paraguai, permite o contato tanto com falantes do Avañe'e. Outro fator é a proximidade das comunidades indígenas com as cidades brasileiras e

paraguaias, que por sua vez são ambientes de predomínio do português e do espanhol e da cultura não indígena.

Nesse ambiente de contato plurilíngue e multicultural, os elementos culturais, dentre eles a língua, organizam-se, numa relação de alianças e conflitos, determinados pelas demandas dos sujeitos falantes. O léxico da língua, de forma exemplar, materializa essas relações quando assimila elementos de outras culturas ou quando se impõe refletindo, nesse caso, a hegemonia de uma língua/cultura sobre a outra:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a atividade extralinguística e que arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos, crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA 1994, p. 6),

Com já mencionado anteriormente, o elemento que nos motivou a estudar o Ñandeva-PL foi, por um lado, a percepção de que a língua da nossa comunidade estava se modificando, e por outro a necessidade de compreender essas transformações. Essas transformações foram identificadas no léxico da língua, que apresentava i) diferenças entre a fala dos “mais velhos e dos mais novos”, assim como ii) um grande número de empréstimos do espanhol e do português.

A obsolência de certos itens lexicais, concomitantemente, à utilização de outros itens do próprio Ñandeva-PL são, como esperado, determinadas por faixa etária, ou seja, os falantes mais novos (crianças/jovens/adultos até 60 anos) dominam o léxico inovador, enquanto os mais velhos (acima de 60anos) mantêm o léxico tradicional, ou conservador:

QUADRO 23

Léxico conservador *versus* inovador

Ñandeva-PL		
Conservador	Inovador	

ayvu	-	“falar”
-	ayvu	“ sons da fala ininteligíveis”
-	ñe'e	“falar”
ñe'ẽ	-	língua (alma)
jaryi	-	“avó”
machu	-	“bisavó”
	machu	“avó/bisavó”
tetypy'a	-	“joelho”
tetyma	-	“canela”
-	tetyma	“canela/joelho”

O léxico inovador parece apresentar-se como um mecanismo de redução de campos lexicais. Enquanto o léxico conservador tem duas expressões i) o verbo – ayvu “falar”, que também pode significar “o falar ainda em processo de aprendizagem das crianças”, e ii) o nome ñe'ẽ, que apresenta pelo menos três significados: “língua”, “som musical” e “alma”, o léxico inovador exibe somente um dos itens lexicais: ñe'ẽ, que ocorre significando “falar” e língua. Outros dois itens do léxico conservador: jaryi “joelho” e tetyma “canela” foram reduzidos pelo inovador: tetyma está sendo usado tanto para “joelho” quanto para “canela”. Outro exemplo de redução no léxico inovador é o item machu, que está sendo usado tanto para “avó” quanto para “bisavó”. Já no léxico conservador há dois itens lexicais disponíveis: jaryi “avó” e machu “bisavó”.

No que diz respeito aos empréstimos, é possível afirmar que o fator idade também é determinante na sua produtividade, ou seja, a ocorrência dos empréstimos é mais reduzida na fala de pessoas mais velhas:

QUADRO 24 Empréstimos Espanhol

Nandeva-PL	Espanhol
aguela	“abuela”
aguelo	“abuelo”
papá	“padre”
Bueno	“Bueno”

hermana	“hermana”
entonce	“entonces”
mamá	“madre”
ñeto	“nieto”
kuerpo	“cuerpo”
ekuela	“escuela”
kosa	“cosas”
huga	“jugar (futebol)”
hente	“gente”
lado	“lado”
entero	“enterro”
suero	“suegro”
trabajo	“trabajo”
siempre	“siempre”
valer	“valer”
cambia	“cambiar”
gueno	“bueno”
cierto	“certo”

QUADRO 25
Empréstimos Português

Ñandeva-PL	Português
outro	“outro”
vovó	“avó”
faci	“fácil”
machucar	“machucar”
cuidar	“cuidar”
arrumar	“arrumar”
preparar	“preparar”
sapato	“sapato”
sacola	“sacola”
vicho	“bicho”
ajuda	“ajudar”
dia	“dia”
fruta	“fruta”

Enquanto as diferenças entre fala dos mais novos e dos mais velhos no que se refere ao uso de um léxico inovador e tradicional, respectivamente, podem, em certa medida, ser esperadas, pois refletem o dinamismo característico da língua, os empréstimos, sobretudo do espanhol, como elementos de transformação do léxico do Ñandeva-PL chama atenção pela alta produtividade. Nem sempre o empréstimo deve ser considerado um fator de enfraquecimento da língua que os adota, pois segundo Mesquita (2009, p. 43) é um fenômeno inerente às línguas naturais. O autor cita Carvalho (1989, p. 9) que afirma ser o empréstimo linguístico “tão antigo quanto à história da língua, ou melhor, quanto a própria língua”:

Dado que esse contato não se dá sempre da mesma forma, o que acontece é que enquanto algumas línguas são mais resistentes à entrada de empréstimos, desenvolvendo mecanismos de adaptação às suas estruturas lingüísticas específicas, outras os introduzem de forma direta e desordenada, incorporando-os como os são na língua de origem. (MESQUITA, 2007, p. 44)

Contudo, o mesmo autor esclarece:

Neste sentido, Haugen (1973, apud GROSJEAN, 1982) faz uma distinção entre empréstimos ‘necessários’ e ‘desnecessários’. Para Haugen, os empréstimos necessários são aqueles que preenchem lacunas lexicais em determinada língua. Os desnecessários, por sua vez, se dão de forma gratuita, ou seja, a língua que adota o empréstimo tem um item lexical de valor equivalente, mas não o emprega. (MESQUITA, 2007, p. 44)

De tal modo, partindo da perspectiva do empréstimo “necessário”, “desnecessários”, observamos que, do conjunto de dados apresentados, poucos dos empréstimos assimilados pelo Ñandeva-PL podem ser considerados necessários:

QUADRO 26

Empréstimos “necessários”

Ñandeva-PL	Espanhol
ekuela	“escuela”
huga	“jugar (futebol)”
papá	“padre”
travajo	“trabajo”
estrela	“lucero”
Ñandeva-PL	Português
sapato	“sapato”
sacola	“sacola”
estrela	“estrela”

Entre os “desnecessários” destacamos o grande número de empréstimos de termos de parentesco, que aponta para a substituição de um campo lexical bastante significativo, que envolve elementos fundamentais da cultura e da sociedade Guarani.

É preciso, portanto, analisar de forma mais criteriosa o fenômeno dos empréstimos linguísticos no Ñandeva-PL, de modo a compreender a sua função, já que os dados aqui apresentados apontam para um processo de variação em que os empréstimos parecem materializar a hegemonia da língua e cultura majoritária (português/espanhol) em detrimento do Ñandeva-PL:

em geral, o grau de incorporação de palavras estrangeiras no léxico/vocabulário de uma língua pode ser tomado como medida de contato cultural. Em seus estágios finais, uma língua que está morrendo deverá ter tomado inúmeras palavras da nova língua, algumas delas para coisas novas, mas outras substituindo palavras nativas. (NETTLE & ROMAINE, 2000 *apud* MESQUITA 2007, p. 44)

Uma outra questão que surge, é se os empréstimos no Ñandeva-PL seriam decorrência de um contato direto com o português e espanhol, ou resultado do contato com o Kaiowa e a Avañe'e. Este última, é das variedades do Guarani, mais afetada pelo contato com o espanhol. Denominada também Jopara “mistura” é descrita por muitos autores como uma mescla do Guarani com o espanhol falado no Paraguai:

Lustig [2003] assevera, quanto ao *jopara*, que “probablemente es más adecuado describirlo como una *mezcla de lenguas* que como *lengua mezclada*”. Neste mesmo ensaio, o autor apresenta a opinião de Dietrich (1993) e Tovar em Corvalán & de Granda (1982) que categoricamente descreve o fenômeno lingüístico como uma *língua mista não-estabilizada*, “esta concepción se basa en la idea de que el *jopara* es un lenguaje de transición que o bien le prepara el camino a un *jopara* 'normativo' o a su substitución por el español paraguayo”. (RAMIREZ, 2007, P. 370)

No que diz respeito ao Kaiowa, é sabido que no Mato Grosso do Sul, foram eles os primeiros a serem escolarizados e isso ocorreu por meio da já mencionada “Missão Caiua”, que em seu primeiro momento, tomou o português como a língua da alfabetização. Como também já foi mencionado, os Nandeva de Mato Grosso do Sul, além de viverem em alguns territórios junto com os Kaiowa, também foram escolarizados nos moldes dos Kaiowa e com um elemento que podemos tomar como um agravante: quando o Kaiowa começa a substituir o português como língua da escolarização da Missão Caiua, é o Kaiowa que passa a entrar nas comunidades Nhandeva, agora com o status de língua da escolarização. Como escola e igreja se misturavam no projeto da Missão Caiuá, a alfabetização e o ensino da escrita era feito por meio de professores missionários Kaiowa, que se utilizam bíblias e de hinários traduzidos para o Kaiowa, como materiais didáticos.

Na comunidade Nandeva de Porto Lindo não foi diferente, e desde então, desde a chegada da Missão Caiuá, que trouxe da cultura não indígena (especialmente a religião evangélica), pela via da escola e das igrejas, o seu contexto sociolinguístico tem sido afetado de forma mais invasiva pelo Kaiowa, e também pelo português. Observemos, agora, os dados referentes a alguns itens lexicais do Nandeva-PL postos em comparação com o Nhandewa-SP/PR, Kaiowá e Avañe'e:

QUADRO 27 Léxico comparativo

Nandeva-PL	Nhandewa-SP/PR	Kaiowá	Avañe'e ¹¹	
ajaka	ajaka	mynaku	ajaka	“cesta”

¹¹ Os dados do Nhandewa-SP/PR, Kaiowa e Avañe'e são de Dooley (1991)

jaguetê	jagua/jaguetete	jaguetê	jaguetê	“onça”
jagua	katsuru	jagua	jagua	“cachorro”
mbarakaja	miãu	mbarakaja	mgarakaja	“gato”
kuatia	papel	kuatia	kuatia	“papel”
pyregua	pyru	pyryru	pyregua	“sapato”
ao puku	tsaia	saia	saia	“roupa comprida/saia”
ñe'ẽ	-	ñe'ẽ	ñe'ẽ	“falar”
atukupe/tukupe	tukupe	apotaha	atukupe	“costa”
nypy'ã	enipy'ã	enipy'ã	enipy'ã	“joelho”
há'e ne	eneĩ nei	neĩ	neĩ	“sim”
raí	rai	raí	raí	“quase”

A comparação desses itens lexicais do Ñandeva-PL com as outras variedades, ratifica o que já foi apontado na análise da fonética e da fonologia: a aproximação do Ñandeva-PL com o Kaiowá e o Avañe'e, com respectivo afastamento desse conjunto do Nhandeva-SP/PR. Um resultado que se destaca nessa comparação, é a maior quantidade de empréstimos do português identificados na variedade Nhandewa-SP/PR.

Outros poucos dados, também, destacam-se por mostrar uma aproximação entre o Ñandeva-PL e Nhandeva-SP/PR (ayvu, ñevanga/ñivanga), ou ainda entre essas duas variedades e o Avañe'e (mo'ã):

QUADRO 28
Ñandeva-PL versus Nhandewa-SP/PR¹²

Ñandeva-PL	Nhandewa-SP/PR	Kaiowa	Avañe'e	
ayvu	ayvu	-	-	“falar”
ñevanga	ñivanga	nhemosarai	nhemosarai	“brincar”
mo'ã	mo'ã	-	mo'ã	“quase”

¹² Os dados do Nhandewa e do Avañe'e são de Dooley (1991, p.23).

--	--	--	--	--

As relações envolvendo o léxico das variedades do Guarani, diferentemente, das relações fonéticas e fonológicas, mostram-se mais complexas na medida que não se constituem de forma tão regular. Enquanto na fonologia é possível estabelecer dois conjuntos de variedades Guarani diferenciadas, por exemplo, pela relação entre as africadas [s] e [ʃ], de um lado (Ñhadeva-PL, Nhandeva-MS-Ava, Kaiowa e Avañe'e), e fricativas [ts] [tʃ], de outro (Nhandewa-SP/PR e Mbya), no léxico essas relações não estão tão claras, não sendo possível estabelecer um padrão tão regular.

Os dados do quadro 28 são exemplares para explicitar esse contexto: enquanto a ocorrência de -ayvu “falar” e ñevanga/ ñivanga “brincar” reúne o Ñhadeva-PL e Nhandewa-SP/PR (e também o Mbya) distanciando-os do Kaiowa e Avañe'e, o item lexical mo'ã “quase” aproxima Ñhadeva-PL, Nhandewa-SP/PR- e Avañe'e (e também o Mbya).

3.3 Morfossintaxe

A pouca documentação referente à morfossintaxe da variedade Ñandeva que se concentra muita mais nos estudos da sua fonologia, é um obstáculo para uma análise comparativa proposta aqui. De tal modo, tomaremos como base os dados, e as indicações referentes a alguns fenômenos morfossintáticos, propostas por Dooley (1991), para a análise comparativa das variedades do Guarani, que compõe o cenário sociolinguístico imediatamente mais relevante para o Ñandeva-PL. Ao selecionarmos as variedades do Guarani em contato com Ñandeva-PL, não trataremos para o trabalho comparativo a variedade Mbya, o que deverá ser revisto em trabalho futuro, por entendermos que o Mbya, na sua relação de proximidade com a variedade Ñandeva, é fundamental para a compreensão da aproximação e distanciamento entre as variedades do Guarani.

Além de Dooley (1991), foram tomados como referência os trabalhos de Cardoso (2008), Canese (1983), Meliá (2007), Dietrich (2013) e Ivo (2018). Além de alguns dados do Kaiowa coletados pelo pesquisador para esse trabalho.

3.3.1 Categoria de número

O Guaraní, como outras línguas TG, exibe uma subclasses de nomes marcadas para o coletivo e plural. O Ñandeva-PL apresenta a partícula *kuéra*, que tem como função a codificação do plural e do coletivo. A comparação com o Kaiowa (CARDOSO, 2008) mostra uma diferenciação entre estas duas variedades, já que o Kaiowa apresenta duas partículas com essa mesma função: [kwerĩ ~ kwera], sendo *kwerĩ* a que se mostra mais produtiva:

Ao questionarmos sobre a variação entre [kwerĩ ~ kwera], o professor indígena Ernesto Fernandes Ortiz descreve que a forma de palavra *kwerĩ* é mais usada pelos falantes Kaiowá e que a outra forma, *kwera*, é preferida pelos Nhandewa (Guaraní, autodenominação). Tal observação deverá ser averiguada em trabalhos futuros, considerando, ainda, a hipótese de que a classe de nomes em Kaiowá requeira sua pluralidade marcada em certos tipos semânticos e não em outros. (CARDOSO, 2008, p. 42)

Seguem os exemplos da distribuição dessas partículas nas duas variedade:

ÑANDEVA-PL

Kuéra

1.a [pipirakuéra
pira kuéra
peixe Plu
“peixes”

KAIOWÁ (CARDOSO 2008)

[kwerĩ ~ kwera]

b. [pirak^{wε}’rĩ]
pira kuery
peixe Plu
“peixes”

c. [haʔe’kwera]
ha’e kwera
ele Plu
“todos”

Outro ponto que diferencia o Ñandeva-PL do Kaiowá é o fato da partícula *kuéra* do Ñandeva-PL não apresentar uma distribuição regular correspondente ao critério de nasalidade da língua. Enquanto o Kaiowa apresenta um regularidade no uso dos alomorfes nasal [’jwera] e oral [’kwera], no Ñandeva-PL identificou um padrão de variação:

ÑANDEVA-PL

2.a [mitã'k^wera]
mitã-kuera
criança-Plu
“crianças”

c. [mitã'ŋg^wera]
mitã-nguera
criança-Plu
“crianças”

d [kupã'k^wera]
kuña-kuera
mulher-Plu
“mulheres”

e [kupatãŋg^wera]
Kuñatañ-nguera
moças-Plu
“moças”

No Ñandeva, segundo Dooley (1996), não há registro da partícula kuera ou kuery:

Não é que o conceito da pluralidade ou coletividade seja desconhecido em Ñandéva. Muitas vezes a pluralidade fica subentendida, não assinalada lingüisticamente, como acontece em todas as línguas da família: *chiquyvy* (I.XXXVII), por exemplo, é traduzido 'meus irmãos'. Porém, há outros meios lingüísticos para indicar a pluralidade. (DOOLEY, 1996, p. 24)

O mesmo autor traz outro elemento, o sufixo -kue (-kue ~ -ngue) como coletivizador/pluralizador no Ñandeva, que também codifica tempo: “Nimuendajú indicou um de dos seus significados, o de "pretérito" (p. 29, 41): o ok^we 'carne' (de animal já carneado) (E.015). Mas este morfema também pode ser usado no sentido de pluralidade ou coletividade.”(DOOLEY, 1996, p. 24):

QUADRO 29

NHANDEWA (Dooley,1991, p. 24)

amoæk ^w e	'os outros'	(E.075)
kupāg ^w e	'as mulheres'	(I.XVI, D.392)
kunataig ^w e	'as moças'	(D.367, 373, 387, 399, 413)
kunumig ^w e	'os rapazes'	(C.088, D.367, 391)
kriḡ ^w e	'as crianças'	(A.029)

Dooley (1991) afirma, ainda, que esse sufixo *-kue* (*-kue* ~ *-ngue*) ocorre em todas as variedades do Guarani codificando o plural. No Ñandeva-PL e no Kaiowa, contudo, o sufixo *-kue* (*-kue* ~ *-ngue*) não codifica plural/coletivização, mas sim o passado nominal:

ÑANDEVA-PL

3.a ouwavakue

o-u-wa-kue

3-vir-Nom-PassN

“aquele que veio”

b. ouwarãngue

o-u-wa'e-rã-ngue

3-vir-Nom-FN-PassN

“aquele que viria”

KAIOWA (CARDOSO, 2008)

4.a [aip^h waʔe-kwe]

aip^h waʔe-kwe

1^asg-dir-agarrar Nom.Pass

“aquele que agarrei”

b. [kaʔit^hkwedzapohã'ngwedodza'poi]

kaʔit^h-kwe o-ḡapo -haḡwe n-o-ḡapo-i

Farinha-pass 3^a-fazer Nom.Pass-neg 3^a-fazer-neg

“(chicha) que era feito de farinha, não fazia mais”

No Avañe'e podem ser identificados o morfema pluralizador/coletivizador *kuéra* (*kuéra* ~ *nguéra*) e também o sufixo *-kue* (*-kue* ~ *ngue*) que codifica o passado nominal:

AVAÑE'E

kuéra (kuéra ~ nguéra) (GREGORES & SUAREZ 1967 *apud* DOOLEY 1996, p. 23)

- 6.a. Jeremiapo 'k^wera
 “minhas tarefas diárias”
 b. Jerma 'k^wera
 “meus animais domésticos”

kuéra (kuéra ~ nguéra) (GUASCH, S.J, 1996, p. 52)

- 7.a. iñiru nguera ohopamá
 iñ-irũ nguera o-ho-pamá
 3-companheiro Plu 3-ir-já
 “Sus compañeros ya se fueron todos”

Sufixo -kue (-kue ~ ngue)

8.a. pa'ikue

pa'i-kue
 sacerdote-PassN
 “sacerdote que fue”

- b. pa'irãngue
 pa'i-rã-ngue
 sacerdote-FN-PassN
 “seminarista que deixo lá carreira”

A comparação das referidas variedades com o Ñandeva-PL, mostra que no que se refere a codificação do plural/coletivo, o Avañe'e apresenta-se mais próximo do Ñandeva-PL do que o Kaiowa, sendo o Nhandewa (São Paulo e Paraná), o que mais se distancia das outras variedades.

3.3.2 Posposições

Citando Andrews (1985), Cardoso (2008) define posposições como núcleos de sintagmas posposicionais, que exercem funções internas oblíquas marcando casos semânticos e não casos gramaticais. Cardoso (2008) apresenta também

uma caracterização das posposições do Kaiowa, que pode ser estendida às outras variedades em estudo;

As posposições, em Kaiowá, se constituem sintaticamente como núcleo de sintagmas posposicionais (SP) e apresentam, obrigatoriamente, um sintagma nominal anteposto, quando o núcleo do SN é um nominal, ou prefixados, quando o núcleo do SN é um pronome clítico (série II).

O quadro 29 que apresenta outro comparativo (distribuição das posposições) entre as variedades do Guaraní aqui analisadas, aponta mais uma vez para a proximidade entre o Ñandeva-PL e Avañe'e. Como pode se observado, as formas *py*, *pi*, *rupy*, *ehe*, *ra*, do Kaiowa, ocorrem no Ñandeva-PL e Avañe'e como *pe*, *re*. Os poucos dados disponíveis sobre Nhandewa-SP/PR, não nos permitiu estabelecer uma comparação satisfatória com essa variedade. Contudo, o Nhandewa-SP/PR acompanha o Kaiowa, no que diz respeito a ocorrência da posposição locativa *py*:

QUADRO 30
Comparativo – Posposições – Quatro variedades

Ñandeva-PL	Nandeva-SP/PR ¹³	Kaiowa	Avañe'e	Função ¹⁴
-	?	py	-	Instrumental (com)
pe	?	-	pe	Instrumental (com)
-	py	py	-	Locativo (em, no, na)
pe	-	-	pe	Locativo (em, no, na)

¹³ Os dados são de Oliveira Djatsy *at al* (2018)

¹⁴ A caracterização das funções segue a proposição de Cardoso (2008) para o Kaiowa:

Classificamos, provisoriamente, os sintagmas posposicionais (SP) segundo a posição em que ocorrem nas orações:

- i) em posição de adjunto marca tematicamente: locativo, instrumental, direcional, alativo, entre outros, e
- ii) em posição de complemento, marcam tematicamente: dativo, comitativo, benefactivo, fonte, entre outros (cf. quadro 19). (CARDOSO, 2008, p. 110)

pe	-	pe	pe	Locativo (para)
rupi	rupi	rupi	rupi	Perlatoivo (pelo, por meio de)
pe	?	rupy	pe	Instrumental
pe	?	pi	pe	Direcional (a, ao)
re	-	ra	re	Locativo (em)
re	-	rehe	re	Locativo (em, por)

A presentamos a seguir alguns dados que exemplificam a ocorrência da posposição “locativa/instrumental”, que é *pe* no Ñandeva-PL e Avañe’e, e *py* no Nhandewa-SP/PR e no Kaiowa:

PE “LOCATIVO”

Ñandeva-PL

- 9.a. oho hoga pe
o-ho h-oga pe
3Sg-ir 3-casa Posp
“foi para casa”
- b. Ore roñoty avati ore-yvy pe
Ore ro-ñoty avati ore-yvy pe
nós 1Plu-plantar milho 1plu-terra-posp
“nós plantamos milho em nossa terra”

Avañee (MELLIÁ, 2007)

- c. ou jevy hoga pe
o-u jevy h-oga pe
3-ir voltar 3-casa Loc
“voltou para casa”

PY “LOCATIVO”

Nhandewa-SP/PR (OLIVEIRA *et al*, 2018)

- 10.a txerendá opytá pakovaty py
txe-r-enda o-pyta pakova-ty py

A negação predicativa no Guarani, assim como em outras línguas TG, é marcada por um morfema descontinuo. No Ñandeva-PL esse morfema apresenta duas formas que estão em variação: i) “curta” {nd....i} ~ {n...i}, e a “comprida” ii) {nd-....iri} ~ {n...iri}. Nesse contexto de variação, observa-se que forma nasal “comprida”, é menos produtiva que sua variante oral:

ÑANDEVA-PL

{nd....i} ~ {nd-....iri}

13.a. chesy ndovy'ai
 che-ø-sy nd-o-vy'a-i
 1Sg-Rel-mãe Neg 3-Felicidade-Neg
 “Minha mãe não esta feliz”

b. chesy ndovy'airi
 che-ø-sy nd-o-vy'a-iri
 1Sg-Rel-mãe Neg-3-felicidade-Neg.
 “Minha mãe não esta feliz”

{n....i} ~ {n...iri}

14.a. naiporãi
 na-i-porã-i
 Neg-3-bonito-Neg
 “Não e bonito”

b. (?) naiporãiri
 na-i-porã-iri
 Neg-3-bonito-Neg
 “Não é bonito”

Dietrich (2013), referindo-se ao Apapokúva, afirma que Nimuendajú (1914, p. 298) menciona uma forma descontínua “mais comprida” para a negação {nd-...-iri} ~ {n-...-ini}, ao invés da forma descontínua simples {nd-...-i} ~ {n-....-i}:

Ao *nd-i-porã-i* ‘não (é) bom’ do guarani antigo corresponde *na-ponã-ini* no apapokúva da sua época. Esta forma comprida do

apapokúva tem sua contrapartida no guarani paraguaio *n(d)..-íri*, que se usa com raízes terminadas em *-i*, como, por exemplo *nda-i-po'í-ri* 'não é delgado' ou na negação pro-oracional *nahániri* 'não!'. (DIETRICH, 2013, p. 92)

No Nhandewa-SP/PR, Ivo (2018) registra, assim como Nimuendajú, a “forma comprida” do morfema {nd-...-iri} ~ {n-...-iri}:

NHANDEWA- SP/PR (IVO, 2018, p.263)

15.a. tʃe'eⁿɖakarúveiri
tʃe'eⁿ d-a-karu -iri
1ps-neg-1ps-comer-neg.
“Eu não como”

b. tʃe'enãmõẽ?ẽiri
tʃe'e-nã-mõ-ẽ?ẽ-iri
1ps-neg-caus.adoçar-neg.
“eu não adoço”

Já no Avañe'e, Canese (1983) registra tanto a forma {nd-...-i} ~ {n-...-i} quanto a {nd-...-ri} ~ {n-...-ni}. A forma mais longa é analisada como {-ri}: “Con los verbos que terminan en *i* más frecuentemente se usa *ri*, o bien se omite el sufijo.” (CANESE 1983, p. 88):

AVAÑE'ê (CANESE, 1983)

{nd.....-i} e {n.....-i}

16.a. ndapukai
nd-a-puka-i
Neg-1Sg-rir-Neg
“No rio”

b. ha'e nañandehúí
ha'e na-ñande-juhú-i
ele Neg-1Plu-encontrar-Neg
“El no nos encuentra”

{nd.....-ri} e {n.....-ri}

17.a. ndache-ropehyiri
 nda-che-ropehyi-ri
 Neg-1Sg-ter sono-Neg
 “Não tenho sono”

b. nañaní-ri
 n-a-ñaní-ri
 Neg-1Sg-correr-Neg
 “No corro”

Para o Kaiowa, as análises são contraditórias: enquanto Cardoso (2008) apresenta um único morfema {na-...-i}, Ivo (2018) registra a somente “a forma comprida” {nd-...-iri} ~ {n-...-iri}:

KAIOWÁ

{na-...-i} (CARDOSO, 2008, p.95)

18.a. [haʔẽndaika'tui oka'ru]
 haʔe na- i- katu-i o-karu
 ele neg-3^a/Rel-pode-Neg 3^a-comer
 “Ele não pode comer”

b. [ʔje ndawɨʔai]
 ʔe n-a-wɨʔa-i
 eu neg-1^a.Sg-alegre-Neg
 “eu não estou alegre”

{nd-...-iri} ~ {n-...-iri} (IVO, 2018, p. 264)

19.a. ⁿdakarui-ri
 nd-a-karu-iri
 neg.1ps-comer-neg.

“eu não como”

- b. namohẽ?ẽiri
 na-mõ-hẽ'ẽ-iri
 1ps-caus-adoçar-neg.
 “Não adoço”

Junte-se a isso, o fato de Ivo (2018) registrar, no Nhandeva de Mato Grosso do Sul estudada por ela, somente a forma mais curta do morfema {nd-...-i} ~ {n-...-ĩ}:

NHANDEWA-MS (IVO, 2018, p. 263)

- 20.a. fendarui
 fe nd-a-karu-i
 1^a-neg-1^a-comer-neg
 “Eu não comi”
- b. fenãmõhẽ?ẽĩ
 fe n-a-mo-he?e-i
 1^a-neg-1^a caus-adoçar-neg
 “eu não adoço”

As análises divergentes sobre o Kaiowa, assim como o registro de uma única forma para o Nhandeva-MS, parece indicar que as formas “compridas” {nd-...-i} ~ {n-...-iri} e “curtas” {nd-...-i} ~ {n-...-i} estejam em variação nas variedades do Guarani faladas no Mato Grosso do Sul, e até mesmo no Nhandewa-SP/PR.

A análise de Dooley (1991), pode ser esclarecedora nesse aspecto: mesmo considerando *-ri* ~ *-ni* um “morfema átono”¹⁵, que se distribui junto ao sufixo de negação *-i*, o autor afirma que no Nhandeva de Nimuendaju e também no Nhandewa contemporâneo (textos anexos) a negação predicativa podia variar:

Nos dois textos transcritos por Nimuendajú, o sufixo negativo *-i* ocorre 19 vezes, com as quais *-ri* ~ *-ni* ocorre apenas duas vezes: *ndajajóúiri* 'não achamos' (I.XXVI) e *ndajajúiri* 'não comemos/bebemos' (I.XLV). [...] Já notamos que nos textos

¹⁵ “Nandéva é um dos dialetos que às vezes acrescenta ao sufixo negativo (semivogal) *-i*, mais um morfema, átono. Nimuendajú o descreve como sendo o sufixo *-ri* ~ *-ni*, este último ocorrendo em ambiente de nasalização: *naponãini* 'não é bom' (p. 23). (DOOLEY, 1991, p. 26)

anexos, é muito comum a ocorrência de *ri* após verbos com o sufixo negativo; isso ocorre com um índice de 54%. Embora não seja possível afirmar que haja verbos cuja negação leve este elemento obrigatoriamente. (DOOLEY 1991, p. 26/28)

Dooley (1996) aponta também a ocorrência do morfema no Kaiwá, Avañe'e, assim como no Mbya¹⁶:

Em Kaiwá, nos primeiros dois textos em Taylor 1974, entre 30 ocorrências de *-i*, *ri* ocorre 12 vezes; nos textos de Meliá, Grünberg e Grünberg, este elemento não ocorre. Segundo Bridgeman, ele parece ser até obrigatório em posição final na frase. Nos quatro textos de Avañeém em Gregores e Suarez, *-i* ocorre 14 vezes mas *ri* nenhuma vez. (DOOLEY, 1991, p. 27 –Nota)

De tal modo, é possível sugerir que as formas $\{n(d)\dots-i\}$ e $\{n(d)\dots-ri(i)\}$ estejam em variação em todas as variedades do Guaraní (Kaiowa, Avañe'e, Nhandeva, e até mesmo no Mbya). O Ñandeva-PL, de acordo com os dados aqui analisados, também apresenta variação nesse morfema de negação predicativa.

3.3.4 Interrogação

O sistema interrogativo Guaraní opera com duas estratégias para expressar a interrogação i) palavras interrogativas (pronomes, advérbios), e ii) partículas interrogativa. Nesse estudo tomaremos somente as palavras interrogativas para a

¹⁶ Para Dooley, *ri* (~ *nĩ* ~ *r* ~ *nẽ*) em Ñandéva é identificado com a partícula *ri* em Mbyá quanto o significado e a sintaxe:

Em Mbyá, *ri* ocorre tanto com verbos negativos como em outros ambientes. Trata-se de partícula enclítica, que indica que uma personagem (o falante ou a pessoa tipo tópico) reconhece ou alude a algum conceito que se deve a outra fonte (e.g., um interlocutor). Por exemplo, em resposta à pergunta, 'Você foi?', ouve-se na'ai *ri* 'não fui'. Esta partícula em Mbyá, pois, é um marcador de interação interpessoal, uma indicação explícita de que o ponto de partida da presente frase é outro conceito que acabou de ser colocado. (DOOLEY, 1991, p. 27)

comparação entre as variedades. Em destaque, alguns exemplos da distribuição da palavra interrogativa no Ñandeva-PL:

ÑANDEVA-PL

“Quem” (Pronome)

i) MAÃVA

21.a. maãva ou nderoga pe?
 maã-va o-u nde-r-oga-pe
 PInt-Nom 3-vir você Rel-casa-loc.
 “Quem veio na sua casa?”

ii) MAÃVAIKO

b. maãvaiko oho nderoga pe
 maã-va-iko o-ho nde-r-oga pe
 PInt-Nom-Int 3-ir você rel -casa loc.
 “Quem mesmo foi na sua casa?”

iii) MAÃIKO

c. maãiko oho nderoga pe
 maã-iko o-ho nde-r-oga pe
 PInt-Int 3ps você rel-casa Loc.
 “Quem foi na sua casa?”

“Onde” (Advérbio)

iv) MOÕ

22.a. moõ oĩ tembi’u
 moõ o-ĩ tembi’u
 PInt 3-estar comida
 “Onde esta comida?”

b. moõgui reju
 moõ-gui re-ju
 PInt-Loc 2Sg-vir

“De onde você vem?”

“Quando” (Advérbio)

v) ARAKA’E

23. araka’e rehotá ?
 araka’e r-eho tá
 Plnt 2Sg-ir Fut
 “Quando você irá?”

“O que” (Pronome)

vi) MBA’E

24. mba’e reipotá
 mba’e re-i-potá
 Plnt 3-3-querer
 “O que você quer?”

vii) MBA’ECHA

25. mba’echa reipotá
 mba’echa re-i-potá
 como 2ps-3-querer
 “Como você quer?”

Partindo agora para a comparação, apresentamos o quadro 30 que sistematiza a ocorrência de quatro palavras interrogativas nessas variedades:

QUADRO 31
Palavras Interrogativas

Nandeva-PL	Kaiowá¹⁷	Avañe’e¹⁸	Nhandewa¹⁹ SP/PR	
maã	-	-		

¹⁷ Esses dados do Kaiowa foram coletados pelo pesquisador junto a falantes da aldeia de Dourados

¹⁸ Os dados são de Canese (1983)

¹⁹ Os dados são de Marcolino *at al* (2016)

maã-va	mã-va	ma-va		“quem”
	ma-va'e			
maã-iko	-	-		
-	mãwa(-pa) ²⁰	Mava (pa)		
-	ki-va'e (ti)	-		
-	-	ava-pa		
moõ	moõ	-		“onde”
-	moõ (ti)	-		
moõ-iko	-	-		
-	Mamõ (pa)	-	mamõ	
-	-	mamõ		
mba'e	-	-	-	“o que”
	mba'e-va'e (ti)	-	-	
	mba'e-va (ti)	-	mba'e-wa	
	mba'e-va'e	-	-	
	-	mba'e(pa)	-	
araka'e	-	-		“quando”
-	-	araka'e (piko)		
-	araka'e ti	-		
mba'echa	mba'echa	mba'eicha(pa)	marãi	“como”

Como pode ser observado, mesmo que maioria das formas interrogativas seja cognatas e, portanto, apresentem enormes correspondências, é possível identificarmos especificidades que caracterizam algumas delas em cada variedade.

²⁰ O dado é de Cardoso (2008).

O Kaiowa apresenta, com algumas palavras interrogativas, um elemento *ti* (ki-va'e ti "quem"), que é a forma reduzida do elemento tipo (ki-wa?e tipo "quem (que)") analisado por Cardoso (2018) como uma partícula interrogativa, que expressa probabilidade e dúvida. Esta particular não ocorre no Ñandeva-PL:

KAIOWA

- 26.a. kiva'e ti ojuka mboi?
 ki-va'e ti o-juka mboi
 quem- Nom PInt 3-matar cobra
 "quem matou a cobra?"
- b. moõ ti rehotã?
 moõ ti re-ho ta
 onde-PInt 2Sg-ir Fut
 "Onde você vai?"
- c. araka'e ti rehotã
 araka'e ti re-ho-tã
 quando PInt 2Sg-ir Fut
 "Quando irá"

O Avañe'e, por sua vez, apresenta uma partícula interrogativa *piko* que expressa também admiração (CANESE, 1983), que não ocorre no Ñandeva-PL e também não foi registrada por Cardoso (2018) para o Kaiowa:

AVAÑE'E (GUASCH, 1996)

27. mava piko umi tetã rembiguái
 quem PInt Det cidade soldado
 "quem são esses soldados?"

Além das já referidas partículas, outra partícula interrogativa: *pa* que ocorre, opcionalmente, junto às palavras interrogativas no Kaiowa e no Avañe'e, não é identificada no Ñandeva:

AVAÑE'E (GUASCH, 1996)

28. mavapa umi kuation apoha kuéra
 mava-pa umi kuation a-pohá kuéra
 quem-PInt Det papel 1Sg-fazer PL
 “Quem são os autores desses livros”

KAOIWA (CARDOSO, 2008)

29. mawa pa ojuka mboi
 mawa pa o-juka mboi
 quem Inter 3-matar cobra
 “quem matou a cobra?”

A carência de documentação sobre o Nhandeva-SP/PR, não nos permitiu apresentar todas as palavras interrogativas elencadas no Quadro 30 para essa variedade. Contudo, os dados disponíveis ao mesmo tempo que indicam a proximidade do Nhandeva-SP/PR (*mba'e-wa* (PInt-Nom) “o que” e *mamõ* “onde”), com Kaiowa (*mba'e-va'e* (PInt-Nom) *mamõ* “onde”) e Avañe'e (*mba'e-va* (PInt-Nom) *mamõ* “onde”), mostram também o Nhandewa-SP/PR tem uma palavra interrogativa *marã* “como” que não ocorre nas demais variedades.

No que diz respeito ao Nhandeva-PL, além da inexistência das partículas interrogativas *ti(po)*, *piko* e *pa*, identificamos um elemento *-iko* (tradado preliminarmente como sufixo), que vai se distribuir junto a algumas palavras interrogativas: *maã-iko* “quem” e *moõ-iko* “onde”. Esse elemento não foi registrado nas outras variedades.

4 CONCLUSÃO

A complexidade do contexto sociolinguístico envolvendo a língua Guarani e suas variedades, é evidenciado por estudiosos desde Nimuendaju (1940), passando do Schaden (1974), até com Dooley (1991). Este último destacando que a distinção entre estes dialetos (os Ñandéva, os Mbüá e os Kayová) apresenta importante problema prático, afirma, como já mencionado, que uma das razões da dificuldade em distinguir estes dialetos “é uma lacuna no conhecimento atualizado do Ñandéva, dialeto que, de uma forma ou outra, é intimamente ligado com cada um dos outros três.” (DOOLEY, 1991, p. 2). De fato, além do estudo bastante rigoroso da fonologia do Nhandewa-SP/PR (COSTA 2003, 2007), e do trabalho de Ivo (2018), que traz um estudo da fonéticas e da fonologia do Guarani falado no Brasil, (faz referências às sub-variedades do Ñandeva SP-PR e MT), não há trabalhos no nível da morfossintaxe, por exemplo.

O trabalho aqui desenvolvido, assim, projeta-se como uma contribuição para os estudos das variedades Guarani faladas no Brasil, especificamente, sobre Ñandeva falado na RI de Porto Lindo, no Mato Grosso do Sul, sub-variedade ainda menos conhecida pelas pesquisas linguísticas. No que diz respeito ao contexto sócio-linguístico-cultural, o Ñandeva-PL, como uma variedade do Guarani falada no Mato Grosso do Sul, se constituiu historicamente pelo contato com outras variedades Guarani: Kaiowa, Avañe'e, e também com o espanhol e português.

Esse ambiente plurilíngue e multicultural, onde circulavam e, ainda circulam, essas diferentes línguas pode ser considerado uma consequência do processo de colonização que, ainda no final do século XIX, estava determinando, de forma coercitiva a existência dos povos Guarani dessa região. Caso exemplar é o da Companhia Matte Laranjeira que “reduziu” as diferentes etnias Guarani com o objetivo de transformá-los em mão de obra para o trabalho no corte e transporte da erva-mate, na região do que é hoje a fronteira entre o Paraguai e o Brasil, no Mato Grosso do Sul, e que há época era território Kaiowa e Ñandeva²¹. Além da

²¹ No entanto, a influência da Companhia ultrapassou em muito a área fixada nos decretos acima, chegando às barrancas do rio Paraguai, em Porto Murtinho e do lado leste até Bataguáçu (GRESSLER, SWENSSON, 1988:29). Correa Filho entende que os limites iam “desde a foz do Ivinhema, por este até sua foz no Paraná e por este até ser encontrada a foz do Iguatemi, fechando-

espoliação gradual de suas terras, Kaiowa e Nãndeva foram levados a trabalhar colhendo em suas próprias terras, a erva mate. O contato entre os representantes da Matte laranjeira e os Guarani, por meio de uma “língua comum”, era usado como estratégia de convencimento:

João Aquino destaca o papel fundamental que os trabalhadores de origem paraguaia tinham na relação da Cia Matte Laranjeira com os Kaiowá e Guarani, pelo fato de entenderem e falarem a mesma língua. Explica ele que os caciques, líderes dos diversos agrupamentos kaiowá e guarani que tinham ervais nativos em seus territórios, não aceitavam, pacificamente, a entrada da Cia Matte Laranjeira. Era necessário um amplo e por vezes demorado trabalho de convencimento para que esses aceitassem o corte da erva-mate nos arredores de suas aldeias. Relata, ele “que cacique não deixava pessoal entrar ali, na erva. Não deixa cortar. Cuidava, antigamente (...). Então precisa procurar jeito como é que vai entrar. (...). Então tem paraguaio, só paraguaio que entrava na aldeia porque paraguaio entende a língua do Kaiowá”. (BRAND *et al*, 2003, p.4)

Assim, o domínio da Cia Matte Laranjeira atingiu, segundo Brand *et al* (2003), intensamente, o território dos “Kaiowá e Guarani”:

Embora a mão-de-obra amplamente predominante nos ervais tenha sido a paraguaia, ocorreu, em várias regiões, o significativo engajamento de índios Kaiowá e Guarani na exploração da erva mate. Destacam-se regiões densamente povoadas por aldeias kaiowá e guarani, tais como Caarapó, Juti, Campanário, Sassoró (Porto Sassoró), rio Iguatemi e outras. Inclusive a localização de várias reservas indígenas demarcadas até 1928 se deve ao fato de serem acampamentos, ou locais de trabalho da Cia Matte Laranjeira ou de seus prepostos. (BRAND *et al*, 2003, p.2)

Além desse, um outro elemento merece destaque nesse contexto: a influência do Kaiowa enquanto língua majoritária, tanto no que diz respeito ao número de falantes quanto na representatividade advinda de ser o Kaiowa a língua da escolarização e da evangelização. Nesse ponto, destaca-se a Missão Caiuá, responsável pela entrada da escola e da igreja evangélica na RI de Porto Lindo.

se a área com uma linha reta deste ponto até a foz do rio Dourados no Brilhante” (*apud* Relatório Os Guarani do Trópico de Capricórnio, 1986:34). (BRAND *et al* 2003, p. 2)

Dito isso, apresentamos uma síntese dos aspectos gramaticais tomados para a comparação do Ñandeva-PL com as outras variedades: Kaiowa, Avañe'e, e Nhandewa (SP-PR/Nimuendaju) e Nhandewa-MS. Interessa estabelecer, a partir dessa comparação, a relação de proximidade e distanciamento entre as variedades. Os fatores de ordem social (idade, sexo, escolaridade), tomados com referência para a coleta de dados, não se mostraram relevantes a não ser para a análise do léxico do Ñandeva-PL.

Fonologia

O exame, mesmo que preliminar da fonologia, apontou para as seguintes relações:

1) Fricativas [s] e [ʃ], *versus* Africadas [ts] e [tʃ]:

De com Ivo (2018) as relações fricativas *versus* africadas, são fundamentais para interpretarmos os distanciamentos/aproximações entre as variedades do Guaraní faladas no Brasil, que se concentram, segundo ela marcadamente, “na classe das obstruintes” (IVO, 2018, p. 272). A autora afirma que os sistemas se distanciam somente no que diz respeito ao funcionamento das fricativas e africadas: “enquanto o Kaiowá e o Nhandewa operam com apenas duas obstruintes [+contínuas], /s/ e /ʃ/, nos mesmos ambientes, o Mbyá e o Nhandewa operam com as obstruintes [-contínuas] /ts/ e /tʃ/, respectivamente”. (IVO 2018, p. 8.

No Ñandeva-PL a análise mostrou o seguinte contexto:

- Não foram registradas consoantes africadas no Ñandeva-PL;
- Nos contextos em que africadas alveolar e palatal surdas [ts] e [tʃ] ocorrerem no Mbya e no Nhandewa-SP/PR, o Ñandeva-PL apresenta as fricativas alveolar e palatal surdas [s] e [ʃ];
- De tal modo, a ocorrência das fricativas com consequente ausência das africadas no Ñandeva-PL o aproxima do Kaiowa, Nhandewa-MS (IVO, 2018), e do Avañe'e. Consequentemente, o afasta Nhandewa-SP/PR e do Mbya.

2) As fricativa velares [x] e [χ]

Ivo (2018) afirma que as fricativas velares [x] e [χ] ocorrem somente no Nhandeva-MS e no Kaiowa, e em sua maioria em empréstimos do espanhol, e que “nesse ponto de articulação, os Mbyá e Nhandewa produzem apenas os sons aproximantes.”(IVO, 20018, p. 157).

No Ñandeva-PL, a análise aponta para uma situação semelhante ao proposto por Ivo (20018):

- A fricativa velar surda [x] foi identificada somente em empréstimos do espanhol;
- Já a fricativa velar sonora [χ] mostra-se mais produtiva, ocorrendo aparentemente nos mesmos contextos em que é registrada no Avañe'e (GREGORES & SOARES, 1967)

A ocorrência das fricativas velares no Ñandeva-PL é mais uma evidência da proximidade deste com o Avañe'e, o que também, o caracteriza como uma variedade do grupo Guarani falado no MS, juntamente com o Kaiowa e Nhandeva-MT (IVO, 2018).

3) A Fricativa glotal surda [h]

A ocorrência da fricativa glotal surda [h], é registrada em todas as variedades do Guarani, exceto no Nhandewa/SP-PR. A ocorrência/ausência da fricativa glotal surda [h] assim, apresenta-se também como um indicador de proximidade/distanciamento entre as variedades.

O Ñandeva-PL:

- Produz a fricativa glotal surda [h] em sílabas pré-tônicas e tônicas;
- Ao mesmo tempo que se aproxima novamente do Kaiowá, Nhandeva/MS, e do Avañe'e, se afasta do Nhandewa-SP/PR.

Contudo, alguns poucos dados se destacam pela sua singularidade:

- Foram identificados dois itens no Ñandeva-PL, em que a fricativa glotal [h] não é produzida;

- Nesses contextos, observou-se sua ocorrência no Kaiowa e Avañe'e.

Esses poucos dados, possivelmente, apontam para um vestígio no Ñandeva-PL da atualidade, de um sistema fonológico arcaico, em que, como o Nhandeva-SP/PR, a fricativa glotal surda [h] era inexistente. Uma investigação mais rigorosa precisa ser feita para que possamos fazer afirmações mais categóricas sobre o tema.

Não foram observados, a partir dos dados analisados, a influência de fatores sociais como sexo, idade, escolaridade no sistema fonológico do Ñandeva-PL.

Léxico

Contudo, no que diz respeito ao léxico, é justamente o fator social, especificamente, a idade, o elemento que determina certas mudanças em andamento no léxico do Ñandeva-PL:

- i) o léxico conservador de domínio dos falantes “mais velhos” (maiores de 60 anos) está sendo substituído pelo inovador dos falantes “mais novos” (crianças/jovens/adultos de até 60 anos); e
- ii) a produtividade dos empréstimos do português e, especialmente do espanhol, é muito maior no léxico dos “mais novos”, do que dos “mais velhos”.

Análise apontou para um grande número de empréstimos “desnecessários”, assim como para o fato do léxico inovador estar se mostrando, no caso analisado, um mecanismo de redução de campos lexicais. Tanto a redução de campo lexical, quanto os empréstimos, envolvem, por exemplo, termos de parentesco, o que aponta para a substituição/redução de um campo lexical/semântico bastante significativo, que envolve elementos fundamentais da cultura e da sociedade Guarani. Esse processo que parece se configurar como uma mudança em andamento no léxico do Ñandeva-PL merece atenção já que aponta para a influência das línguas majoritárias, espanhol e português, sobre o Ñandeva-PL.

No que diz respeito à análise comparativa, os resultados ratificam os apontados na análise da fonética e da fonologia: a aproximação do Ñandeva-PL

com o Kaiowá e o Avañe'e, com respectivo afastamento desse conjunto do Nhandeva-SP/PR. Contudo, diferentemente, da fonéticas e fonológicas, as relações estabelecidas no léxico mostram-se mais complexas na medida que não se constituem de forma tão regular.

Enquanto na fonologia é possível estabelecer dois conjuntos de variedades Guarani – ocorrência das africadas [s] e [ʃ], de um lado (Ñhadeva-PL, Nhandeva-MS-Ava, Kaiowa e Avañe'e), e fricativas [ts] [tʃ], de outro (Nhandewa-SP/PR e Mbya) – no léxico essas relações não estão tão claras. Os dados apresentados no Quadro 28, são aqui retomados para exemplificar que não é possível estabelecer um padrão tão regular:

- i) a ocorrência de -ayvu “falar” e ñevanga/ ñivanga “brincar” reúne o Ñhadeva-PL e Nhandeva-SP/PR (e também o Mbya) distanciando-os do Kaiowa e Avañe'e,
- ii) o item lexical mo'ã “quase” aproxima Ñhadeva-PL, Nhandewa-SP/PR, e Avañe'e (e também o Mbya).

De qualquer modo, é importar observar que esses dados evidenciam mais uma vez uma relação entre o Ñhadeva-PL e o Nhandewa-SP/PR, sugerindo proximidade e não distanciamento.

Morfossintaxe

Os estudos sobre Ñhadeva concentram-se, como já mencionado, na fonologia, sendo a pouca documentação referente à morfossintaxe um limitador para a análise comparativa proposta aqui. Contudo, algumas generalizações podem ser apontadas, a partir da análise dos seguintes aspectos gramaticais tomados como referência nas quatro variedades:

1) Categoria de número

O Ñhadeva-PL, apresenta a partícula kuéra, que tem como função a codificação do plural e do coletivo:

Ñhadeva-PL versus Kaiowa

- i) Ñandeva-PL diferencia-se do Kaiowa que apresenta duas partículas com essa mesma função: [kwer_i ~ kwera], sendo kwer_i a que se mostra mais produtiva;
- ii) Ñandeva-PL diferencia-se do Kaiowá pelo fato de sua partícula *kuéra* não apresentar uma distribuição regular correspondente ao critério de nasalidade da língua (ambos os alomorfes podem ocorrer em ambiente nasal). O Kaiowa apresenta distribuição regular dos alomorfes nasal [ˈɲwera] e oral [ˈkwera],

Ñandeva-PL versus Nhandewa-SP/PR

- i) No Ñandeva-SP/P, segundo Dooley (1996), não há registro da partícula *kuera* ou *kuery*;
- ii) Sufixo -kue (-kue ~ -ngue) é usado como coletivizador/pluralizador no Ñandeva-SP/PR, o qual também codifica tempo;
- iii) No Ñandeva-PL, no Kaiowa, contudo, o sufixo -kue (-kue ~ -ngue) não codifica plural/coletivização, mas sim o passado nominal:

Ñandeva-PL versus Avañe'e

- i) O Avañe'e, assim como o Ñandeva-PL, apresenta o morfema pluralizador/coletivizador *kuéra* (*kuéra* ~ *nguéra*) e também o sufixo -kue (-kue ~ -ngue) que codifica o passado nominal;
- ii) A distribuição de *kuéra* segue o padrão contexto oral *kuéra*, contexto nasal *nguéra*;

A comparação das referidas variedades com o Ñandeva-PL, mostra que no que se refere a codificação do plural/coletivo, o Avañe'e apresenta-se mais próximo do Ñandeva-PL do que o Kaiowa, sendo o Nhandewa (São Paulo e Paraná), o que mais se distancia das outras variedades.

2) Posposição:

O comparativo da distribuição das posposições nas quatro variedades, aponta para a proximidade entre o Ñandeva-PL e Avañe'e:

- i) as formas *py* (*locativo/instrumental*), *pi* (*direcional*), *rupy* (*instrumental*) e *ehe*, *ra* (*locativos*), do Kaiowa, ocorrem no Ñandeva-PL e Avañe'e como *pe* (*locativo/direcional/instrumental*), *re* (*locativo*).
- ii) Os poucos dados disponíveis sobre Nhandewa-SP/PR, não nos permitiu estabelecer uma comparação satisfatória com essa variedade. Contudo, o Nhandewa-SP/PR acompanha o Kaiowa, no que diz respeito a ocorrência da posposição locativa *py*.

3) Negação Predicativa

No Ñandeva-PL a negação predicativa apresenta duas formas que estão em variação:

- i) A forma “curta” {nd....i} ~ {n...i}, e
- ii) A forma a “longa” {nd-....iri} ~ {n...iri}.
- iii) A forma nasal “longa”, é menos produtiva que sua variante oral.

Enquanto no Avañe'e, Canese (1983) registra tanto a forma {nd-...-i} ~ {n-...-i} quanto a {nd-...-ri} ~ {n-...-ni}, no que diz respeito as outras variedades, análises apresentam-se divergentes para o Kaiowa (CARDOSO 2008/IVO 2018), assim como registaram uma única forma, a “curta” para o Nhandeva-MS (IVO 2018) e “longa” para o Nhandewa-SP/PR (Dietrich 2013/IVO 2018).

Para além da confusão, essas divergências parecem apontar para um padrão em que as formas “longas” {nd-...-i} ~ {n-...-iri} e “curtas” {nd-...-i} ~ {n-...-i} estejam em variação em todas as variedades do Guarani: Kaiowa, Avañe'e, Ñandeva (PL, SP/PR, e MS), e até mesmo no Mbya.

4) Interrogação

A análise mostrou que maioria das formas interrogativas nas variedades do Guarani aqui estudadas são cognatas e, portanto, apresentem enormes correspondências. Contudo, possível identificar em cada sistema de algumas

especificidades. No que diz respeito ao Ñandeva-PL, algumas diferenças com relação às outras variedades podem ser apontadas:

- i) Inexistência das partículas interrogativas *ti(po)*, *piko* e *pa* (Kaiowa/Avañe'e);
- ii) Ocorrência do elemento *-iko* (tradado preliminarmente como sufixo), que vai se distribuir junto a algumas palavras interrogativas: *maã-iko* “quem” e *moõ-iko* “onde”. Esse elemento não foi registrado nas outras variedades.

A análise da morfologia, notadamente de alguns aspectos: expressão de número, negação, posposições, palavra interrogativa, aponta para uma aproximação do Ñandeva-PL com Avañe'e (expressão de número, posposição). Contudo, tal qual as relações estabelecidas no léxico, observa-se mais uma vez a certa complexidade, já que no que diz respeito ao sistema interrogativo, e mesmo às posposições, o Ñandeva vai se constituir com alguma singularidade: apresenta um elemento *iko* que ocorre junto as palavras interrogativas inexistente no Avañe'e e no Kaiowa (não temos dados do Nhandewa-SP/PR), não para não apresenta a partícula interrogativa *pa*, que é identificada em todas as outras variedades.

Evidenciando as particularidades do Ñandeva-PL podemos, a partir dos dados aqui analisados, sugerir ainda, certa tendência à neutralização, em alguns contextos, da distribuição morfêmica correspondente ao critério nasal/oral: ao uso exclusivo da variante oral da forma “longa” do morfema de negação, que vai ocorrer portanto em ambiente oral e nasal, assim como a distribuição da partícula pluralizadora/coletivizadora *kuéra* (*kuéra* ~ *nguéra*), que tem sua variante oral ocorrendo em ambientes nasais, são exemplos disso.

Outra particularidade, pode ser a maior tendência do Ñandeva-PL à supressão de segmentos: a análise do morfema *-va'e* (“nominalizador/relativizador”) mostrou que no Ñandeva-PL, diferentemente do que ocorre nas outras variedades, a redução é observável com ambos os morfemas de tempo nominal, e, no caso da estrutura [ou 'ak^we] “aquele que veio”, a perda de material fonético é consideravelmente maior: (v)a('e), do que em outras variedade.

Conclusivamente, diremos que mesmo sendo considerada preliminar, essa pesquisa, ao tematizar a variedade Ñandeva falada na Reserva Indígena de Porto Lindo, contribuiu para os estudos e para a documentação das variedades do Guarani. Além de descrever alguns aspectos da gramática do Ñandeva-PL, a pesquisa forneceu subsídio para a compreensão das relações entre as variedades do Guarani do MS (Ñandeva/Kaiowa/Avañe'e), assim como entre o Ñandeva-MS e o Nhandewa-SP/PR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMAURILIO, Edson. **O uso das águas na Terra indígena yvy Katu, Japorã, Mato Grosso do Sul**: um diálogo de saberes entre a cultura Guarani e a Lei Federal 9.433/97 sobre a importância do reconhecimento das águas. Florianópolis, 2015.
- BRAND, Antônio. **Os Kaiowá e Guarani os tempos da Cia Matte Laranjeira**. João Pessoa, 2003.
- CANESE, Natalia Krivoshein. **Gramatica de la Lengua Guarani**. Assuncion, 1983.
- CARDOSO; Valeria Faria. **Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá(Guarani)**. Campinas, 2008.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Demarcação de terras indígenas Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul**: Histórico, desafios e perspectivas. Revista Fronteiras. v. 16, n. 28, p. 48-69, Dourados, MS: Revista de História, 2014.
- COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. **Nandewa Aywu**. Campinas, SP, 2003
- _____. **Apyngwa Rupigwa: Nazalição em Nhandewa-Guarani**. Campina, 2007.
- CHAMORRO, Graciela; MARTINS, Andrébio. **Língua, arte e lazer: uma contribuição à formação de professores e professoras indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- DOOLEY. R. **Apontamentos Preliminares sobre Nandéva Guarani Contemporâneo** Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics. Arquivo Lingüístico no. 197, Acervo do CEDAE, IEL- UNICAMP. [1991] 2008.
- COSTA; Consuelo de Paiva Godinho. **Nhandewa Aywu**. Unicamp, 2003.
- COUTO; Cristiane Beatriz Dahmer. **História da implantação da educação escola na comunidade indígena Nandeva Guarani na Reserva Porto Lindo Japorã-MS**. Londrina-PR, 2007.
- CRUZ, Aline. **Fonologia e Gramatica do Nheengatú**: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa. Tese de Doutorado. Universidade de Amsterdam. 2011.
- Dietrich, Wolf. 1990. **More evidence for an internal classification of Tupí-Guaraní languages**. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1990.
- _____. **A língua apapocúva-guarani registrada por Nimuendajú**. Campo Grande, 2013.
- DOOLEY, Robert (1991). **Apontamentos Preliminares sobre Nandéva-Guarani Contemporâneo**. Brasília (DF): Summer Institute of Linguistics. Arquivo Lingüístico nº. 197, Acervo do CEDAE, IEL- UNICAMP, 1991.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: A Funtional-Typological Introdution**. V ois. li Amsterdam:John Benjamíns, 1990.
- GREGORES, E.; SUÁREZ, J. **A description of colloquial Guarani**. The Hague:
- GUASCH, Antonio, s.j. **El idioma Guarani Gramática e Ortologia de Prosa y Verso**. Assunción, 1996.
- GUEDES, Marymarcia. **Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbyá**. Editora da Unicamp. Campinas, SP, 1991.

MELIÁ, Bartomeu, s.j. **Guarani ñe'ẽ Paraguai gramática pedagógica**. Assuncion, 2007.

MELIÁ, Batomeu. **Gramática Pedagogía para hablantes de Guarani**. Assuncion, 2007.

MORELLO, R. Língua Guarani: políticas linguísticas e pluricentrismo. *In* As Línguas Tupi faladas dentro e fora da Amazônia. Org.MARTINS, M. F. Editora do Museu nacional. 2017

Nimuendajú (Unkel), Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní**. Trad. de Charlotte Emmerich EduardoB.Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec e Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

NUNES, Saulo. **Alfabetização e letramento na língua materna Guarani na escola Tekoha Guarani polo em Japorã-MS**. Feira de Santana, 2019. No prelo.

PAGOTTO, E. G. . **Sociolingüística**. *In*: Claudia Castellanos Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). Introdução às Ciências da Linguagem - Linguagem, História e Conhecimento. 1a.ed.Campinas: Pontes, 2006, v. , p. 49-72.

_____, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia* 27/28: 33-53.1985.

_____. **A língua apapocúva-guarani registrada por Nimuendajú**. Campo Grande, 2013.

_____Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes nas famílias do tronco linguístico Tupi. *Revista da ABRALIN* 5, n. 1, 2: 11-32. 2006.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna, e Wolf Dietrich. "On the relationship between Mawé and Tupi-Guarani." *Diachonica* XIV, n. 2: 265-304. 1997.

_____, Daniele M. Grannier. **Fonologia do Guarani Antigo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____, Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics*. Baltimore, v. 24, n. 3, p. 231-234, 1958.

WITKOWSKI, Rejane. **Sociolingüística e suas principais correntes de estudo**. Uniaselvi, 2013.

YVO; Pereira Ivana. **Características fonéticas e fonologia do Guarani do Brasil**. Cuiabá- MT, 2018.